Don Baker

ALÉM DA DOR



Como descobrir a perspectiva de Deus em meio ao sofrimento.

Editora Betânia

Don Baker

ALÉM DA DOR

Digitalizado por: Jolosa

Editora Betânia
Leitura para uma vida bem-sucedida
Caixa Postal 5010 – 31611 Venda Nova, MG

Título do Original em inglês:
Pain's Hidden Purpose
Copyright © 1984 by Don Baker, Publicado nos E.U.A.
por Multnomah Press
Portland, Oregon 97266

Tradução de Myrian Talitha Lins

Primeira edição, 1987

Todos os direitos reservados pela
Editora Betânia S/C
Caixa Postal 5010
31.611 Venda Nova, MG

É proibida a reprodução total ou parcial
sem permissão escrita dos editores.

Composto e impresso nas oficinas da
Editora Betânia S/C
Rua Padre Pedro Pinto, 2435
Belo Horizonte (Venda Nova), MG

Printed in Brazil

A história de Jó é a história de um homem que sofre sem um motivo claro, perde tudo sem motivo algum — mas vence afinal.

Índice

Prefácio 5

Primeira Parte

UMA ANÁLISE DO SOFRIMENTO

1. Morte — Doença — Abandono 13
2. Pessoas Tementes a Deus Também Sofrem 18
3. A Alegria Transformou-se em Amargura . 23
4. Bons Amigos — Maus Conselheiros 31
5. A Estranha Linguagem do Sofrimento 38
6. Deus Aparece 43
7. Um Novo e Inesperado Sofrimento 49
8. Perguntas que São Respostas 54
9. A Pergunta que Ficou sem Resposta 62

Segunda Parte

APRENDENDO COM O SOFRIMENTO

10. Vendo as Coisas do Alto 67
11. Quem Está Travando Esta Guerra? 74
12. Como se Preparar Para o Sofrimento 80
13. Por quê? 88
14. Uma Solução que Não Resolve Nada 94
15. O Pecado de Jó 100
16. A Vitória de Jó 108
17. A Satisfação de Jó 116

Prefácio

Nunca vi ninguém com o corpo coberto de enormes chagas purulentas, a pele enegrecida e recoberta por uma crosta grossa, rolando de um lado para outro sobre as cinzas de um monte de lixo. Nunca vi uma pessoa assim, chorando sem parar, coçando essas feridas e arrancando as suas cascas.

Nunca conheci ninguém que tivesse perdido toda a sua fortuna, todas as suas posses e os filhos num só dia.

Tenho visto outros tipos de escória humana
pelas sarjetas,
debaixo de pontes,
à margem de ferrovias.

Já os vi saquear latas de lixo nas cidades, lutar contra camisas de força em instituições para doentes mentais; já os vi morrendo aos poucos em leitos de hospitais, ou mendigando nas ruas.

Já vi ricos tornarem-se pobres...

Já vi fortes tornarem-se fracos...

Já vi poderosos caírem e se esfacelarem em mil pedaços.

Mas nunca vi um espetáculo igual ao daquele homem de Uz, cujo nome era Jó. (1:1.)

A história de Jó é um relato da vida real, um fato acontecido em época e local definidos.

Não se trata de um mito, nem de uma fantasia ou lenda. E só porque é antiga, não quer dizer que não seja atual. É tão atual quanto o dia de hoje.

É a história de um homem que perdeu tudo.

E não é apenas um tratado teológico, embora aborde algumas questões teológicas. Jó é o livro da Bíblia cujas implicações teológicas e filosóficas mais têm provocado discussões entre os estudiosos; mais que qualquer outro livro bíblico.

Uma das histórias da turma do Snoopy de que mais gosto é uma em que Charlie Brown se encontra atuando no papel preferido por ele — o de arremessador de seu timezinho de beisebol.

No primeiro quadrinho, ele está lá no seu lugar, no ponto do arremessador, profundamente consternado. Olha para o time adversário, e exclama:

— Puxa vida! Nove pontos de uma vez só!

Em seguida, abre bem a boca e se põe a lamentar:

— O que vou fazer?

Seu amigo Schroeder, que se acha preparado para aparar a bola, com sua máscara e o protetor do peito, aproxima-se dele, no momento em que Charlie está dizendo:

—Estamos sendo massacrados de novo, Schroeder. Não sei o que fazer... Por que temos que sofrer assim?

O outro se limita a ficar parado ali, e dizer filosoficamente:

— O homem nasceu para sofrer, como as faíscas das brasas voam para cima.

Charlie olha para ele espantado e indaga:

— O que você disse, Schroeder?

Nesse momento, Linus chega por trás e diz:

— Ele está citando uma passagem do Livro de Jó, capítulo cinco, versículo sete, explica ele, e continua: na verdade, essa questão do sofrimento é muito profunda, e...

Mas antes que ele possa dizer mais uma palavra, Lucy o interrompe.

— Quando uma pessoa é azarada, é porque fez alguma coisa errada. É o que sempre digo...

Schroeder volta para o pequeno grupo de garotos que cercam Charlie Brown.

— Isso foi o que os amigos de Jó disseram para ele, mas eu duvido...

E mais uma vez ele é interrompido pela Lucy, que berra:

— E a mulher de Jó? Acho que ela nunca recebe todos os méritos que devia receber.

E Schroeder continua.

— Acho que a pessoa que não sofre não amadurece... Na realidade o sofrimento é muito importante...

Mas Lucy o interrompe mais uma vez aos gritos:

— E quem é que gosta de sofrer? Não seja bobo!

A essa altura, o time todo já está ali, formando um bolinho em torno de Charlie, inclusive o Snoopy, que, de olhos arregalados, está ouvindo toda a conversa.

Um dos jogadores diz o seguinte:

— Mas o sofrimento é parte da vida, e...

E outro o interrompe para dizer:

— As pessoas que falam só da paciência de Jó mostram que conhecem muito pouco desse livro. Pois eu vejo a coisa assim...

Muito desalentado, Charlie Brown volta para sua posição de arremessador, olha para seus colegas, um por um, e diz:

— Isso não é um time de beisebol; é um seminário teológico.*

O livro de Jó não é um mero tratado de teologia.

Ele revela o que de melhor há em Deus.
Revela Satanás no que ele tem de pior.
É uma revelação da soberania de Deus
e da vulnerabilidade humana.
Mas... é antes e acima de tudo
a história de um homem de carne e osso,
que viveu numa terra de verdade,
e passou por um sofrimento real.
É a história
da riqueza de um homem,
da família de um homem,
da saúde de um homem,
da reputação de um homem
e do espírito de um homem
que ficou perdido, destruído, quebrantado, esmagado sob um insuportável fardo de dor e sofrimento.
É a história de
um homem e seu Deus,
um homem e sua fé,
um homem e seu inimigo,
um homem e seus amigos
e um homem em sua perplexidade,
ao ver todos os valores e referências de sua época perderem a nitidez.

É a história de um homem que sofre sem causa, perde tudo sem motivo, mas resiste.

Entretanto, ela é diferente de todas as tragédias humanas. É um dos poucos relatos que narra tudo, diferentemente de uma autobiografia na qual um indivíduo conta sua própria história — da sua própria perspectiva; ou de uma biografia, em que um indivíduo narra a história de outrem — da perspectiva desse autor. A história de Jó

* Texto de *Peanuts*, de Charles M. Schultz. © 1967 United Feature Syndicate, Inc.

apresenta uma dimensão a mais. É a história da vida de um homem vista pela perspectiva dele e pela de outros; mas também pela perspectiva de Satanás e de Deus. É uma história completa.

E focaliza as eternas perguntas da humanidade, que ficam sempre sem explicação:

Como é que isso foi acontecer?

Ou

por que isso aconteceu?

É a história de um homem, mas a história de todos os homens, pois em Jó encontramos o "quadro completo" do sofrimento e das adversidades. E o "quadro completo" do sofrimento e adversidades de Jó é também o "quadro completo" de nosso sofrimento e adversidade, meu e seu.

— *Don Baker*

Primeira Parte

UMA ANÁLISE DO SOFRIMENTO

Mal sabia Jó que após a perda de sua fortuna e a morte dos filhos, lhe sobreviria outro sofrimento, e que a dor seria tão intensa que faria com que esquecesse até a perda dos filhos.

CAPÍTULO UM

Morte
Doença
Abandono

Jó dormiu muito mal naquela interminável noite, após o sepultamento de seus dez filhos. A imagem de cada um daqueles sete rapazes maravilhosos e das três lindas filhas estava constantemente lhe voltando à lembrança, como numa tortura. Revia na mente o rosto deles, ouvia a voz, escutava seu riso, recordava as palavras deles, e dolorosamente relembrava aqueles adoráveis momentos de convivência que haviam começado no dia em que cada um tinha nascido.

Sete filhos e três filhas, realmente é uma informação muito sucinta, mas é só o que está registrado nos capítulos iniciais da história da tragédia de Jó. Isso me faz lembrar as breves e lacônicas notícias de obituários que às vezes lemos nos jornais, ou a desinteressante lista de dados que um pastor talvez leia num culto fúnebre.

"Sete filhos e três filhas" — essa forma de enunciar um fato é totalmente inadequada para descrever a alegria, o calor humano, a união de uma família que se ama, na qual cada um participa de todos os momentos importantes da vida dos outros.

E agora estavam mortos — todos eles num só dia. Num só momento de horror, dez vidas vibrantes, felizes, esperançosas, promissoras deixaram de existir — e o mundo de Jó ficou arrasado.

Não havia como se libertar daquele sofrimento que mantinha sua alma cativa. E Jó e sua esposa não encontravam consolo na presença um do outro, nem em si mesmos. A dor que se apossara deles, parecia não querer largá-los mais.

Ontem foi um pesadelo. O hoje não parecia ser melhor.

E quando o primeiro clarão do amanhecer surgiu no nascente, Jó deve ter pensado que nunca nenhum homem passara por um sofrimento e uma perda semelhante à sua. Ninguém jamais poderia ter passado por coisa pior do que ele passara.

Mal sabia ele o que Deus ainda iria permitir. Mal sabia ele que seus sofrimentos apenas tinham começado. Mal sabia que, antes do fim daquele dia, outro sofrimento lhe sobreviria, e que esse outro sofrimento seria tão intenso que faria com que ele até esquecesse a perda dos filhos.

O novo sofrimento começou com uma coceira. Assim que Jó acordou, após uma noite insone, percebeu que seu corpo estava todo coberto por uma irritação da pele. Estava todo tomado por manchas avermelhadas, bastante dolorosas ao toque, que logo se espalharam por todo o corpo, e afinal chegaram a ser uma ferida só, que ia do alto da cabeça à planta dos pés.

Os ossos doíam.

As pernas começaram a inchar.

O cabelo caiu.

O rosto estava inflamado.

E a voz ficou rouca.

Toda a sua aparência se modificou, e seu rosto se tornou sombrio e contorcido. A pele se transformou numa crosta grossa, e das feridas escorria pus. (Job, vol. 1, de Albert Barnes — Grand Rapids, Baker Book House, 1949, p. 116.)

Dizer apenas que Satanás feriu a Jó de tumores malignos da planta do pé ao alto da cabeça não dá nem para começar a exprimir a extensão do sofrimento de Jó.[1] E quando a estas palavras são acrescentadas outras: "tomou um caco para com ele raspar-se"[2], isso já sugere um pouco mais, mas ainda não é o bastante.

E quando a Bíblia diz que, devido à natureza de sua doença, crônica e contagiosa, e da hediondez de sua aparência, ele foi expulso de sua comunidade para sentar-se sobre as cinzas no depósito de lixo local[3], ela nos fornece uma leve idéia do isolamento em que ficou, mas ainda não diz tudo.

Jó descreve a intensidade de seu imenso e interminável sofrimento afirmando que:

Não conseguia dormir... remexia-se na cama até a madrugada.[4]

Colocava crostas de terra sobre as feridas purulentas.[5]

Vermes caminhavam pelo seu corpo.[6]

Ao pensar em comida, sentia náuseas.[7]

A dor era tão intensa, que era obrigado a morder a própria pele para abrir as bolhas.[8]

Sua carne apodrecia sob suas vistas.[9]

Nada aliviava a coceira.[10]

Tinha os olhos inchados e vermelhos de chorar.

Além disso, eles estavam escuros e fundos, por falta de dormir.[11]

Seu corpo estava encarquilado e enrugado.[12]

Jó encontrava-se exausto e sozinho.[13]

Seu hálito era mal-cheiroso.[14]

Respirava com dificuldade.[15]

Sua alma estava envolta em amargura.[16]
Estava tão magro, que a pele colava-se aos seus ossos.[17]
Sua pele escureceu.[18]
Estava constantemente ardendo em febre.[19]
E a dor nunca passava.[20]
O único lugar onde conseguia encontrar algum alívio era no meio das cinzas, no esterco, no depósito de lixo dos arredores da cidade,
entre os mendigos,
entre os párias,
entre os leprosos
e entre os cães.
Fora abandonado pelos amigos, e os inimigos zombavam dele.[21]
Ele descreve a si mesmo como uma boneca de pano que fora agarrada pelo pescoço e mordida até ficar em pedaços.[22]
Era como um alvo, crivado de setas.[23]
Seu estado era tão desesperador,
sua aparência tão desprezível,
sua dor tão contínua,
sua vergonha tão intensa,
que sua esposa, por fim, lhe sugere que se mate.

1. Jó 2.7
2. Jó 2.8
3. Jó 2.8
4. Jó 4.7
5. Jó 7.5
6. Jó 7.5
7. Jó 3.24
8. Jó 13.14
9. Jó 13.28
10. Jó 2.8
11. Jó 16.16
12. Jó 16.8
13. Jó 16.7
14. Jó 19.17
15. Jó 9.18
16. Jó 9.18
17. Jó 19.20
18. Jó 30.30
19. Jó 30.30
20. Jó 30.17
21. Jó 16.9,10
22. Jó 16.12
23. Jó 16.13

Jó, o homem mais honrado do Oriente, começou a sofrer uma longa e ininterrupta série de adversidades, que quase o levaram à autodestruição.

CAPÍTULO DOIS

Pessoas Tementes a Deus Também Sofrem

A desgraça sobreviera a Jó de forma súbita, e fora total. Alguns dias antes, era comum vê-lo sair de sua casa todos os dias pela manhã, e caminhar ao longo das arenosas ruas de Uz, dirigindo-se ao portão da cidade.[1] E ali ele passava o dia em companhia de amigos.

Era um respeitado juiz em sua terra[2], conhecido por sua imparcialidade,[3] integridade[4], compaixão[5] e seu firme e resoluto senso de justiça.[6]

Sempre que ele entrava num aposento, os jovens da cidade se mostravam cerimoniosos para com ele e os velhos se punham de pé.[7]

Todos procuravam aconselhar-se com ele. E quando ele falava, todos davam ouvidos[8] — a bem da verdade, em Uz, quando Jó emitia alguma opinião sobre alguma coisa, não era preciso dizer mais nada.[9]

Todo mundo falava bem de Jó.[10]

Ele amparava as viúvas, provendo-as de alimentos e roupas.[11]

Os cegos, em suas trevas eternas, sentiam o

toque suave de suas mãos quando ele os conduzia de um lugar para outro.[12]

E quando Jó estava presente, os aleijados nunca ficavam sem ajuda.[13]

Até os estrangeiros eram acolhidos com grandeza por esse homem notável.[14]

Em várias ocasiões, Jó recebeu o prêmio de "Homem do Ano", em Uz.[15]

Sua personalidade comunicava uma grande força, que servia até para dar alento aos mais abatidos.[16]

Além disso, ele corrigia com firmeza os que caíam em erro, instruía com sabedoria os que se achavam confusos, e com grande compaixão confortava os enlutados.[17]

Não havia outra pessoa igual a Jó em toda a terra.[18]

Ele possuía uma imensa fortuna. A maior propriedade do Oriente era dele.[19] E numa época em que a riqueza de um homem era calculada pelo tamanho de sua família, pelo número de suas cabeças de gado, pelo tamanho de seu rebanho, pelo número de empregados que tinha e pelo valor de sua reputação, Jó excedia a todos.

Dizia-se que tudo em que ele tocava se transformava em ouro — e que até das pedras jorrava azeite para ele.[20]

Os filhos dele eram grandemente unidos. Faziam tudo em conjunto — mesmo depois de terem crescido e se haverem casado e terem saído de casa.

Gostavam de fazer festas de aniversário. O aniversário de cada um dos seus dez filhos era uma festa para a família toda. Os filhos e as filhas de Jó, juntamente com seus próprios filhos, reuniam-se na casa de um deles para comemorar a data. E às vezes essas comemorações levavam uma semana.[21]

Jó era um excelente pai, e como um bom pai de uma sociedade patriarcal como a sua, era tam-

bêm um bom sacerdote para sua família — e isso muito antes de a humanidade ter conhecimento do conceito de sacerdócio.

Após cada uma das festas de aniversário realizadas pelos filhos, ele ia ao seu local de culto, e oferecia ao Deus Jeová um sacrifício especial, como remissão pelos pecados que seus filhos pudessem ter cometido.[22]

Em seu lar, sempre se sentia a comunhão com Deus.[23]

A Bíblia não dá nenhuma indicação de que houvesse brigas entre os filhos dele, nem conversas sobre divórcios e novos casamentos, nem tumulto entre seus empregados; imperavam prosperidade e paz; gozavam do que é o anseio de todos os homens: viver feliz e satisfeito.

E Jó não gozava de boa reputação apenas entre seus semelhantes, mas — o que é mais importante — ele tinha boa reputação também diante de Deus. Com muita ternura, Deus se referia a ele como um caso único, não havendo mais ninguém igual a ele na terra — um homem sincero, honesto e irrepreensível. Jó tinha um relacionamento pessoal com Deus, vital e profundo, que superava a todos os homens de sua geração.[24]

Sem dúvida, é um belo quadro esse que mostra um homem com sua família, sua riqueza, seu Deus, um homem bem relacionado em sua comunidade, um homem que tinha tudo que uma pessoa necessita — e mais, que tinha tudo que uma pessoa poderia desejar.

Jó tinha consciência da segurança que possuía, e mais tarde ele afirma que achava que algum dia iria morrer tranqüilamente em sua casinha, após uma vida longa e justa.[25]

Foi então que, inesperadamente, sem qualquer prenúncio, a tragédia se abateu sobre ele, e toda a sua alegria se tornou amargura. Sua vida

mudou; seu mundo se modificou, e ele passou a sofrer uma série de adversidades que quase o levaram à autodestruição.

1. Jó 29.7 BV
2. Jó 29.12 BV
3. Jó 29.16 BV
4. Jó 29.14 BV
5. Jó 29.13 BV
6. Jó 29.17 BV
7. Jó 29.8 BV
8. Jó 29.21 BV
9. Jó 29.22 BV
10. Jó 29.11 BV
11. Jó 29.13 BV
12. Jó 29.15 BV
13. Jó 29.15 BV
14. Jó 29.16 BV
15. Jó 29.20 BV
16. Jó 29.24 BV
17. Jó 29.25 BV
18. Jó 1.8 BV
19. Jó 1.2,3 BV
20. Jó 29.6 BV
21. Jó 1.4
22. Jó 1.5 BV
23. Jó 29.4 BV
24. Jó 1.8
25. Jó 29.18 BV

Lenta e
paulatinamente, Jó foi
sendo privado de tudo,
até ao ponto de seu
próprio espírito ser
posto a nu.

CAPÍTULO TRÊS

A Alegria Transformou-se em Amargura

Ele perdeu tudo — em apenas um dia.

A desgraça aconteceu durante uma daquelas comemorações felizes da família.

Todos os filhos de Jó estavam reunidos na casa do mais velho, comemorando o aniversário de um deles,[1] quando Jó recebeu por intermédio de um de seus empregados a notícia de que um grupo de bandoleiros, proveniente do sul, havia atacado subitamente os seus rebanhos, e matado também alguns dos seus servos. Haviam-se perdido quinhentos bois e quinhentas valiosas jumentas, e, com exceção de um de seus trabalhadores, todos tinham sido massacrados.[2]

E no mesmo instante em que esse único sobrevivente do massacre estava descrevendo quase sem fôlego o horrível acontecimento, apareceu outro empregado, e comunicou que suas sete mil ovelhas tinham sido mortas, bem como todos os pastores, salvando-se apenas ele.

— Foi um raio que caiu, disse ele. Desceu fogo do céu, queimou as ovelhas e pastores, e destruiu tudo.[3]

— Perdemos os camelos, disse outro servo. Os três mil camelos.

Aqueles maravilhosos animais de carga, tão valiosos para uma comunidade do deserto, estavam perdidos. Tinham sido roubados, por outro grupo de bandoleiros, desta vez provenientes do norte. E dessa vez também todos os empregados, com exceção de um, tinham sido mortos. E tudo isso aconteceu num mesmo dia. No dia do aniversário de seu filho.[4]

De repente, aquele homem rico ficou pobre.

Suas ações da bolsa tinham caído de preço.

Sua empresa falira.

Seus credores tinham encerrado seu crédito.

Sua financeira se recusara a dar-lhe mais crédito.

Ele perdera o emprego.

Seja como for que quisermos descrever o fato, Jó perdera tudo.

O homem mais rico do Oriente estava falido.

Foi aí então que provavelmente Jó se virou para sua esposa e disse:

— É, meu bem, perdemos todo o nosso gado, o rebanho e quase todos os nossos servos, mas pelo menos ainda temos nossos filhos.

E inesperadamente a tragédia se abate de novo. Surgiu outro mensageiro trazendo-lhe a pior notícia que um pai pode ouvir.

— Seus filhos morreram. Todos eles. Estavam comemorando o aniversário de um deles, quando houve um vendaval. A casa desmoronou, e caiu em cima deles. E todos os jovens morreram.[5]

Não existe uma forma branda de se dar uma notícia tão terrível como essa para um pai. Eu já fui obrigado a fazer isso várias vezes. Já tentei encontrar palavras e frases mais adequadas para de algum modo amenizar o golpe, mas não consegui. Essas palavras caem sobre o coração terno de um pai desavisado com a força de um

martelo, e, em sua fragilidade, ele é esmagado para sempre.

Jó ficou arrasado. Com profunda dor, arrancou a roupa do corpo, raspou a cabeça para mostrar ao mundo que toda a sua glória acabara, e caiu no chão em prantos.[6]

Muitas vezes, já tive vontade de saber quanto tempo demorou para que ele parasse de chorar e clamasse a Deus. E me perguntei se as palavras registradas na Bíblia foram realmente as primeiras que ele disse.[7]

Embora as Escrituras afirmem que Jó não pecou nem atribuiu falta alguma a Deus,[8] tenho certeza de que ele deve ter questionado tudo, e, como qualquer um de nós, quando estava caído no chão, dominado pelo sofrimento, deve ter perguntado:

"Por quê? Por quê? Por quê?"

Certa vez eu e Martha estivemos assim, numa colina batida pelo vento, paralisados, em presença do caixãozinho branco onde estava o corpo sem vida de nosso único filho. De vez em quando, o sol aparecia entre as nuvens e brilhava como um holofote sobre aquela urna de madeira. Depois escondia-se de novo, e nos víamos outra vez imersos nas sombras de um triste dia de primavera.

Os amigos estavam ali;
familiares estavam ali;
nosso amado pastor estava ali;
e no entanto não nos lembramos de nada, a não ser da terrível sensação de vazio, como se a vida, a esperança, o riso, e tudo, tivessem sido sugados de nossa alma — para sempre.

E hoje, passados trinta anos, a lembrança daquele caixãozinho branco, fazendo um forte contraste com a relva verde da colina, ainda é tão vívida em nossa mente, como se hoje fosse aquela tarde de maio.

A dor já se abrandou, mas, mesmo assim, vez por outra, vejo uma lágrima rolar pelo rosto de Martha, e nesse momento compreendo que aconteceu alguma coisa que reavivou a lembrança daquela vidazinha que foi confiada a nós por tão curto prazo.

É profundamente doloroso perder alguém que amamos.

Agora multiplicar essa perda por dez, e ser obrigado a ver o caixão de sete filhos e três filhas — todos os filhos — é algo que ultrapassa nossa compreensão.

O mundo de Jó acabara. Sua vida terminara.

De repente, cessaram todos os planos futuros — não havia mais futuro: somente passado. E mesmo as lembranças do passado não eram mais agradáveis, eram verdadeiros tormentos, no momento em que Jó via, com grande dor, seus filhos, um a um, serem lentamente colocados no túmulo, desaparecendo de sua vista, ficando para sempre fora de seu alcance.

Mas Jó conseguiu adorar a Deus — sem o auxílio de um livro divino, ou de uma revelação impressa. Muito antes de as palavras de Moisés serem transcritas, Jó adorou a Deus. Adorou a Jeová, o mesmo Deus que Adão, Noé e Abrão adoraram.

Ele não sabia muita coisa, mas sabia o suficiente para se inclinar diante dele num gesto de adoração

simples,
espontânea,
genuína
e sem formalismo,

e dizer:

> "Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei; o Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor." [9]

Foram palavras muito profundas, que saíram de lábios que tinham uma revelação ainda incom-

pleta de Deus. E essas palavras foram possivelmente prematuras, já que sofrimento maior ainda estava por vir.

Mas essas frases de adoração a Deus pouco se assemelhavam às palavras que jorraram dele, quando estava passando por um tormento ainda maior, um mal que destruía seu corpo, quando ele se contorcia em dor e sofrimento, no meio do lixo e da cinza.

Muitas pessoas já tentaram especular sobre o que a esposa de Jó quis dizer, quando olhou para seu corpo emagrecido e escurecido, e lhe sugeriu que pusesse fim ao seu sofrimento.

Alguns vêem a esposa de Jó a esta altura como uma mulher amargurada e revoltada, sem consideração para com o relacionamento dele com Deus. Eu a vejo como uma mulher sensível, amorosa, preocupada, que amava o marido, e era fiel ao seu compromisso com Deus. Se ela fosse uma mulher fria e insensível, os filhos não poderiam gozar daquela união que a família de Jó possuía.

Mas àquela altura ela estava muito tensa. Havia passado várias semanas de sofrimento, sem obter nenhum alívio. Todos os dias, ao acordar, sentia o mesmo sofrimento, só que mais intenso. Todas as noites ela orava pela cura do marido, mas a cura não vinha. E não havia medicamento para ele,

nem Tylenol,
nem Valium,
nem morfina para amenizar a dor,
nem mesmo uma aspirina para ajudá-lo a dormir.

O sofrimento dele era tão intenso, sua aparência tão horrível e seu estado tão infeccioso que ele teve de sair de casa.

Ela não suportou mais. E num momento de profunda angústia, sugeriu ao marido:

"Jó, por que você não amaldiçoa a Deus e morre?

"Diga a Deus que não agüenta mais.

"Que ele não é capaz de curá-lo.

"Que não cumpriu a promessa que fez.

"Que ele nem está tomando conhecimento do seu problema.

"Prefiro vê-lo morto do que nesse estado...

"Talvez pudéssemos morrer os dois juntos."

E mais uma vez a resposta de Jó foi de profunda devoção, de muita simplicidade e ao mesmo tempo carregada de grande discernimento espiritual. Disse ele:

— Ó mulher, você está falando como uma pessoa insensata... como uma incrédula. Será que depois de receber coisas boas de Deus, não podemos aceitar também as adversidades?[10]

E rejeitou a sugestão dela.

Além da dor física, ele estava sofrendo uma intensa angústia emocional e espiritual.

Era um homem de corpo destroçado e espírito quebrantado.

Vez por outra, tinha recordações dos velhos tempos, "nos meses passados"[11] como dizia ele; dos dias

quando Deus o guardava,[12]

quando a amizade de Deus estava em sua tenda,[13]

quando seus filhos estavam a seu lado,[14]

quando levava uma vida de prosperidade,[15]

quando os anciãos o reverenciavam,[16]

quando os jovens se punham de lado e o honravam,[17]

quando as mais altas autoridades da cidade se levantavam em sinal de respeito por ele.[18]

Mas aquilo fora muito tempo atrás — era coisa do passado. Em lugar de honrarias e de prosperidade, agora...

os jovens riam dele.[19]

Ele era motivo de chacota para eles.[20]

Eles lhe cuspiam no rosto.[21]

Armavam-lhe arapucas.[22]

Atacavam-no de todos os lados.[23]

Ele vivia aterrorizado — sem ninguém para socorrê-lo.[24]

A depressão pairava sobre ele.[25]

Clamava a Deus e este não lhe respondia.[26]

Suas palavras de alegria haviam-se tornado em pranto.[27]

O estado de Jó era tão terrível que, afinal, até mesmo sua mulher o abandonou.[28]

Lenta e paulatinamente, ele estava sendo privado de tudo, até que seu próprio eu foi posto a nu. Tudo que reveste o espírito de um homem foi sendo arrancado dele.

Todos os recursos nos quais o homem busca força e auxílio foram sendo retirados dele. Por fim, restou apenas uma alma despida e solitária, neste mundo de meu Deus.

1. Jó 1.18
2. Jó 1.14,15
3. Jó 1.16
4. Jó 1.17
5. Jó 1.18,19
6. Jó 1.20
7. Jó 1.20-22
8. Jó 1.22 BV
9. Jó 1.21
10. Jó 2.10 BV
11. Jó 29.2 BV
12. Jó 29.2 BV
13. Jó 29.4 BV
14. Jó 29.5 BV
15. Jó 29.6 BV
16. Jó 29.8 BV
17. Jó 29.8 BV
18. Jó 29.9 BV
19. Jó 30.1 BV
20. Jó 30.9 BV
21. Jó 30.10 BV
22. Jó 30.13 BV
23. Jó 30.14 BV
24. Jó 30.15 BV
25. Jó 30.16 BV
26. Jó 30.20 BV
27. Jó 30.31 BV
28. Jó 19.17 BV

CAPÍTULO QUATRO

Bons Amigos Maus Conselheiros

Notícia ruim corre rápido. Logo, três velhos amigos de Jó, Elifaz, Bildade e Zofar, ficaram sabendo de seu terrível estado. Então combinaram de se encontrarem em Uz.[1] Tinham ouvido os boatos, haviam escutado os relatos a respeito do amigo, mas, mesmo assim, não estavam preparados para o que viram.

As extensas pastagens de Jó estavam vazias, os alojamentos dos servos, vazios, a casa, abandonada. As janelas batiam ao vento; o quintal estava recoberto de mato; e a magnífica propriedade de Jó, um homem antes tão poderoso, o homem mais rico do Oriente, estava devastada.

Por fim, os vizinhos lhes indicaram o caminho que dava para o depósito de lixo da cidade.

A princípio, eles não o reconheceram.[2] Aquele corpo escuro, emagrecido, coberto de crostas e de pus, todo sujo de cinza, não tinha a menor semelhança com o respeitável juiz de Uz.

E quando o avistaram soltaram uma exclama-

ção de espanto. Os três ficaram tão pasmados ao verem o estado em que Jó se achava que

choraram,
rasgaram as roupas,
atiraram cinza sobre a cabeça,
e, depois, ficaram em silêncio.

Ficaram ali sete dias e sete noites,[3] sentados ao lado do amigo, cujo corpo agora tinha pouca semelhança com o de um ser humano.[4]

Durante sete dias e sete noites, ficaram a vê-lo contorcer-se de dor.[5]

Durante sete dias e sete noites, escutaram a alma dele murmurar palavras de tormento.

E durante sete dias e sete noites, nenhum deles disse nada.[6] Apenas tentavam compreender o incompreensível, entender a imensidão daquela tragédia, tentando responder, interiormente, aquela grande, esquiva, fugaz e tormentosa pergunta: *por quê?*

Afinal, Jó não conseguiu mais ficar calado. Após os sete dias de silêncio, disse:[7]

Como eu gostaria que Deus apagasse de seu calendário o dia do meu nascimento.
Como eu gostaria de nunca ter sido concebido.
Por que não morri ao nascer?
Por que minha mãe não sofreu um aborto?
Por que não morro agora?
Se ao menos eu pudesse achar descanso na morte.
Se ao menos eu pudesse gozar a paz do túmulo.
Se ao menos eu pudesse libertar-me desse cativeiro.
Por que Deus fez isso comigo?

Jó atirou para o céu a pergunta "por quê" dezesseis vezes. Dezesseis vezes, ela partiu dele para o alto. E em todas essas vezes em que ele pediu uma explicação, o céu ficou em silêncio. Mas seus amigos, não.

Elifaz, Bildade e Zofar tentaram explicar o

inexplicável. Aí é que está o erro. Principalmente quando se tenta responder a tais indagações com a atitude radical demonstrada pelos conselheiros de Jó.

Eles não somente alegavam poder explicar o que era inexplicável, mas também o fizeram com uma perigosa atitude de arrogância e com total falta de compaixão pelo amigo.

Veja como esses três "consoladores" conversaram com Jó.

Disse Elifaz:

— Será muito difícil para você escutar algumas palavras? No passado, você ensinou pessoas que estavam sofrendo a confiar em Deus. Você ajudou os fracos, caídos e desesperados a tentar mais uma vez a começar de novo. No entanto, agora que chegou a sua vez de passar pelos mesmos sofrimentos, você se desespera e perde a vontade de viver.[8]

O que ele fez foi amontoar mais senso de culpa sobre Jó, que já estava sofrendo tanto.

E Bildade começou seu conselho, dizendo:

— Até quando você vai continuar falando desse jeito, Jó? Soprando palavras furiosas como um vento forte?[9]

Este lançou mais críticas sobre Jó.

Depois Zofar o interrompeu, dizendo:

Será que toda essa falação vai ficar sem resposta? Será que você vai tentar se justificar com essa conversa?[10]

Zofar amontoou mais sarcasmo sobre a agonia de Jó.

A insensibilidade desses três homens é impressionante.

A principal argumentação deles, aliás, a única argumentação durante a interminável discussão com Jó, foi que o sofrimento dele era resultado de pecado.

Elifaz disse:

— Pense um pouco, homem! Por acaso Deus

já destruiu um justo? Ou castigou sem motivo o inocente?[11]

E Bildade diz:

— Se você for um homem bom e puro, Deus ouvirá sua oração, e o atenderá, e lhe dará um lar feliz.[12]

E Zofar disse:

— Você afirma que é reto aos olhos de Deus! Ah, se Deus lhe falasse o que ele pensa a seu respeito! Ah, se ele lhe mostrasse como você é realmente! Pois ele tem conhecimento de tudo que você já fez. Olhe aqui! Estou certo de que Deus está-lhe castigando menos do que você merece.[13]

Esses três homens tinham apenas uma palavra para Jó, e a repetiram várias e várias vezes:

— Jó, você pecou!

— Seu sofrimento é resultado de pecado.

— Arrependa-se, e será curado.

Mas a resposta de Jó era sempre a mesma também:[14]

— Eu sei a diferença entre o que é certo e errado. Meu único consolo é que nunca neguei as palavras de Deus, e agora, quando vocês deveriam ser compassivos com um amigo desalentado, acusam-me mais, sem o menor temor de Deus.

Digam-me, o que fiz de errado?

Ó Deus, diga-me por que está fazendo isso comigo?[15]

Tu me criaste apenas para me destruir?

E, afinal, aqueles homens puseram-se a fazer acusações específicas:[16]

— Jó, seus pecados são intermináveis.

— Você deve ter-se recusado a emprestar dinheiro a amigos necessitados, ou então ficou com as roupas deles como penhor.

Ou então:

— Você deve ter-se recusado a dar água ao sedento e pão ao faminto.

— Você deve ter despedido as viúvas sem

ajudá-las, e deve ter quebrado o braço dos órfãos.

Mas Jó respondeu:[17]

— Nunca olhei para uma jovem com lascívia.

Não menti.

Não desejei a mulher de outro homem.

Não fui injusto com meus empregados.

Não prejudiquei nem as viúvas nem os órfãos.

Ou então:

— Não neguei comida ao faminto.

Ou

— Não prejudiquei nem meus inimigos. Nunca deixei sem abrigo o estrangeiro.

Olhem aqui, diz ele, posso até assinar uma declaração afirmando minha inocência.

Mas que Deus me responda e me diga onde foi que errei.

Nove vezes os amigos de Jó pediram-no explicações de seus pecados, e nove vezes lhe disseram que ele estava sofrendo por ter pecado, afirmando que aquele sofrimento perdurava, porque ele se recusava a arrepender-se.

E nas nove vezes Jó negou essas acusações.

Eles se empenharam numa forte discussão, que foi aumentando de volume até tornar-se uma troca de gritos, e que ocupa vinte e oito capítulos.

— Você pecou, diziam eles.

— Não, respondia Jó.

— Pecou sim.

— Não pequei.

— Pecou.

— Não.

E, no final das contas, aqueles três que tinham ido para consolar, acabaram-se tornando acusadores, e não encontravam mais o que dizer.

Jó ficou ali sentado, com sua solidão e seu sofrimento. Elifaz, Bildade e Zofar ficaram silenciosos face à sua frustração e espanto. Não haviam conseguido nada.

Não tinham consolado ninguém.

O sofrimento do amigo não fora aliviado.

Ninguém recebera maior discernimento do problema.

Jó ainda sofria, e aquela mesma pergunta "Por quê?" ainda estava sem resposta.

1. Jó 2.11
2. Jó 2.12
3. Jó 2.13
4. Jó 2.12
5. Jó 2.13
6. Jó 2.13
7. Jó 3.1-23
8. Jó 4.1-5 BV
9. Jó 8.2 BV
10. Jó 11.1,2
11. Jó 4.7 BV
12. Jó 8.6 BV
13. Jó 11.4-6 BV
14. Jó 6.10-30 BV
15. Jó 10.1-8 BV
16. Jó 22.5-9 BV
17. Jó 31.1-35

A linguagem do sofrimento é muito estranha — ela nos prega peças engraçadas. Leva-nos a pensar, a dizer e até a crer em fatos que não são verdade.

CAPÍTULO CINCO

A Estranha Linguagem do Sofrimento

Mas havia outra pessoa sentada ali, nas cinzas, em silêncio. Era uma pessoa que até então permanecera calada, quieta. Tratava-se de um jovem tímido[1], que não se sentia à altura de participar daquele debate teológico. Mas escutara cada palavra dita. Ouvira todos os argumentos, nos quais tinham sido ditas palavras que, na opinião dele, diminuíam a dignidade do Deus todo-poderoso.

Não parecia muito impressionado com a longa lista de acusações apresentadas, nem com as veementes negações de Jó. Mas estava muito irado. Estava irritado com Jó, porque ele continuava a defender sua inocência e algumas de suas afirmações chegavam à beira da blasfêmia. Estava irado com os três amigos dele, porque condenavam Jó sem apresentar provas.[2]

Então começou a falar:

— "Eis que dentro em mim sou como o vinho sem respiradouro, como odres novos prestes a rebentar-se. Permiti, pois, que eu fale para desafogar-me; abrirei meus lábios e responderei."[3]

Jó, por favor, escute-me. O que você está dizendo a respeito de Deus está muito errado.[4]

Não era novidade para Jó dizerem que ele estava errado. Havia dias seus amigos não cantavam outra cantiga. Tinham-lhe dito várias vezes isso. Mas dessa vez fora diferente. Os amigos tinham falado diversas vezes que estava errado no que dizia acerca de si mesmo — errado em declarar sua inocência. Mas Eliú dizia outra coisa. Afirmava que errava no que estava dizendo a respeito de Deus.

E ele ficou em silêncio. Ouvia Eliú enumerar as palavras de condenação que ele havia proferido impensadamente — palavras que todos pronunciamos quando submersos nas águas escuras da dor.

A linguagem do sofrimento é muito estranha — ela nos prega peças engraçadas. Leva-nos a pensar, a dizer e até a crer em fatos que não são verdade. Quando a dor começa a perfurar nossa carne, e a penetrar nosso espírito, e depois permanece ali corroendo, corroendo, a nossa mente fica como que anuviada, e o cérebro se põe a emitir pensamentos tais como

Deus está morto.

Ou não está nem aí.

Ou ele simplesmente não se interessa por mim.

Em sua tentativa de descobrir as causas do seu sofrimento, Jó fez o que muitos de nós também fazemos. Rebaixou Deus de sua elevada posição, e passou a atribuir-lhe motivações e idéias que eram mais humanas que divinas. Depois pôs-se a condená-lo com afirmações assim:

Deus está brigando comigo.[5]

Deus está-me ignorando.[6]

Era melhor eu ter pecado.[7]

Essas atitudes são tão humanas, não são? Já ouvi tantos filhos de Deus dizerem coisas assim:

— Parece que Deus está sentado lá em cima,

procurando criar novas maneiras de tornar minha vida mais infeliz.

— Parece que depois que me converti, minha vida ficou pior. Às vezes acho que eu estava melhor sem Cristo.

— Parece que Deus está-se fazendo de surdo comigo. Está com a atenção voltada para outro lado. Parece que resolveu que nunca mais vai ouvir minhas orações.

As queixas de Jó contra Deus não são próprias apenas da época em que ele viveu. Já ouvi as mesmas queixas várias e várias vezes. Eu mesmo já pensei coisas assim. É, e até cheguei a falar.

Ao repreender aqueles falsos consoladores, Eliú faz uma brilhante defesa de Deus (que na verdade não precisa de defesa). Mas ao mesmo tempo trouxe mais sofrimento para Jó, que já estava mais do que sobrecarregado. Ele disse a Jó o seguinte:[8]

"Você falou como um tolo. Você merece receber a sentença máxima pela maneira como falou contra Deus, porque, aos outros pecados, ainda acrescentou rebelião, arrogância e blasfêmia.

Outra vez disse:

"Você falou como um tolo."

Há uma pessoa a quem sempre serei profundamente grato, pois que, numa época em que eu passava por grande depressão, teve amor por mim e me ouviu com paciência, sem nunca me julgar. E houve momentos em que pensei coisas, disse certas palavras e pratiquei atos pelos quais merecia uma severa repreensão.

Mas esse meu amigo tratou de meu frágil espírito com terno cuidado. Escutou minhas tolices — tolices que nasceram do fundo de minha alma dolorida. Escutou minhas contradições — contradições que brotavam do fundo de uma mente confusa. Escutou... escutou... escutou... e durante todo o tempo em que me escutava, não se

deixou levar pela tentação de bancar Deus comigo.

Ele não sabia por que eu estava deprimido, e confessou isso abertamente.

Esperava de mim palavras irrefletidas. Ouviu-as, deixou que fossem ditas, e não tocou nelas, nem mesmo respondeu a elas, como se não merecessem mesmo uma resposta.

Todas as pessoas que já passaram por um sofrimento muito grande conhecem o valor de um amigo que, embora creia saber a solução para tudo, limita-se apenas a escutar as perguntas.

Os amigos de Jó não pararam para ouvi-lo. Ah, sim, eles ouviram as palavras que brotaram de seus lábios, mas estavam surdos ao clamor de sua alma. E o único grito que partia do coração desse homem que fora completamente despido de toda dignidade pessoal era: "Por quê? Por que Deus está fazendo isso comigo? O que foi que eu fiz? O que foi que fiz?" Mas essa pergunta não pode ser respondida por ninguém. Só Deus sabe respondê-la, e só ele sabe se pode dar a resposta toda, em parte, e que parte.

E além da dor que Jó estava sofrendo, eles acrescentaram ainda a sensação de culpa sobre ele. E Jó permaneceu ali sentado, nas cinzas, com todo o seu tormento, aguardando. Aguardando a libertação, ou a morte. Mal sabia ele que era o próprio Deus que estava prestes a chegar.

---

1. Jó 32.4-6
2. Jó 32.2,3
3. Jó 32.19,20
4. Jó 33.12 BV
5. Jó 33.10 BV
6. Jó 33.13
7. Jó 34.9 BV
8. Jó 34.35-37 BV
9. Jó 35.16 BV

As explicações sobre uma enfermidade qualquer não curam ninguém, mas certamente ajudam o doente a encará-la de outra forma.

CAPÍTULO SEIS

Deus Aparece

E era só o que Jó queria: uma explicação. Mesmo a dor mais aguda torna-se um pouco mais tolerável, quando se tem mais conhecimento sobre ela.

Há muitos anos, meu pai começou a sentir uma dor muito forte nas costas, e a dor era tão intensa que não o afetou apenas fisicamente, mas começou a afetar sua mente também. Sem poder trabalhar, ele foi ficando deprimido e começou a isolar-se em si mesmo, já que, apesar de consultar vários médicos, nenhum deles conseguia diagnosticar a causa da dor.

E no dia em que finalmente descobriram o problema, eu estava no hospital com ele. Papai estava deitado no leito, o rosto voltado para a parede, desligado, não querendo conversar. O médico chamou-nos ao corredor, e disse-nos que ele estava com câncer, e a doença já se achava em seu estágio final, de modo que não poderia ser operado. Então ele nos perguntou:

— Devo contar a seu pai?

Todos concordamos em que ele devia ser

informado, e o mais depressa possível. Ficamos junto à porta ouvindo o médico conversar com ele, com muito jeito, dizendo essas palavras tão difíceis que todos nós tememos ouvir.

— Harry, está-me ouvindo?

— Estou, respondeu papai.

— Harry, sinto muito ter que lhe dizer isso, mas você está com câncer.

— O quê?

— É, continuou o médico, está com câncer na próstata, mas ele já se alastrou pelo corpo todo. Atingiu os ossos, Harry.

— Vou melhorar, doutor? indagou papai.

— Não, Harry.

— Quanto tempo tenho de vida?

— Talvez umas semanas, talvez uns meses, não sabemos, respondeu o médico.

Depois de ouvir essas palavras, papai ergueu-se no leito, olhou bem no rosto do médico, e disse:

— É só isso que eu tenho? Dê-me minhas roupas, por favor. Tenho muita coisa para fazer.

A dor não tinha abrandado, mas papai voltou para casa, voltou a trabalhar, e, com forte determinação, viveu ainda quase três anos, o suficiente para me ver formado, pastoreando minha primeira igreja, na qual ele também foi diácono.

As explicações sobre uma enfermidade qualquer não curam ninguém, mas certamente ajudam o doente a encará-la de outra forma.

O que Jó estava querendo era apenas uma explicação, uma oportunidade de conversar com Deus.[1]

Queria um encontro cara a cara.

Uma confrontação.

Uma conversa às claras

em que pudesse perguntar a Deus a razão de seu sofrimento.

Por fim aconteceu. Era Eliú quem estava falando. Estava prestando um tributo a Deus, traçando com palavras um belíssimo quadro[2] da

santidade de Deus,
da sabedoria de Deus
e da justiça de Deus.

Suplicava a Jó[3] que não procurasse a morte, nem se voltasse para o mal, mas lembrasse que há muitas coisas relativas a Deus que nós não podemos saber. Em seguida ergueu os olhos e dirigiu suas palavras para as densas nuvens que estavam-se formando.

— Deus é tão grande e maravilhoso que nós não temos condições de conhecê-lo nem de compreendê-lo. Ele faz o vapor da água erguer-se da terra e depois o derrama de novo sob a forma de chuva que vem do céu.[4]

Eliú estendeu a mão para sentir as primeiras gotas de chuva que caíam. Depois olhou de novo para o céu e disse:

"Quem é capaz de entender como as nuvens se formam e se espalham pelo céu?"[5]

Ouviram-se os primeiros sons distantes do trovão e ele acrescentou:

— Quem é capaz de explicar a formação dos trovões que ribombam no meio das nuvens?[6]

Imensos relâmpagos cortavam o céu.

— Veja como Deus lança relâmpagos ao seu redor e cobre de raios os picos dos montes... Parece que Deus enche as mãos de raios, assim como pegaríamos pequenos dardos, e os atiraríamos nos seus alvos.[7] Jó, estes trovões e relâmpagos são tão apavorantes, tão barulhentos, tão próximos, tão sinistros, tão aterrorizantes, parece que... parece que sinto a presença de Deus no trovão.[8]

E Eliú continuou a falar, dando-nos uma descrição das mais perfeitas da aproximação de uma tempestade, uma das mais exatas descrições de toda a literatura, e sem o saber descrevia a chegada de Deus. Pois Deus estava-se aproximando, cercado de grande "pompa", própria de um grandioso séquito, com o acompanhamento

do ribombar dos trovões e os flashes dos raios.

E Eliú disse:[9]

Meu coração estremece.

Ouça o trovão de sua voz.

Ele ecoa pelos céus, e os relâmpagos cintilam em todas as direções."

Isso é maravilhoso.

É Deus quem está fazendo isso, Jó.

Veja, os homens estão parando seu trabalho.

Os animais estão procurando abrigo.

É possível que Deus esteja prestes a castigá-lo, Jó, ou pode ser que esteja para recompensá-lo.

Em seguida, ele continua a descrever o céu, que se acha escurecido pela tempestade, ofuscado pelos relâmpagos, e rasgado pelo ribombar dos trovões.

De repente, do lado do norte, o céu se ilumina, como no amanhecer, já que se aproxima a fulgurante presença de Deus, em sua esplendorosa glória.

E Eliú diz:[10]

Assim como não podemos olhar para o sol em todo o seu fulgor, assim também não podemos contemplar a gloriosa majestade de Deus surgindo dos céus.

Veja, Jó, ele está revestido de ofuscante esplendor.

Seu poder é imensurável.

É de se admirar que ele não nos destrua.

Não admira que os homens de todas as partes o temam."

E afinal, Eliú não tinha mais palavras para dizer — faltou-lhe a linguagem poética. Enquanto descrevia a chegada de Deus, seus pensamentos ficaram desconexos, com a interferência de suas emoções. Mas depois os ruídos do vento e dos trovões adquiriram coerência, passaram a ter sentido, e o profundo ribombar que vinha das nuvens, bem como o zumbido agudo do ciclone

revolvendo veloz transformaram-se em palavras. E, do meio daquela terrível tempestade, Deus começou a falar.

1. Jó 9.32-35
2. Jó 36.3-6
3. Jó 36.20 BV
4. Jó 36.26-28 BV
5. Jó 36.29 BV
6. Jó 36.29 BV
7. Jó 36.30-32 BV
8. Jó 36.33 BV
9. Jó 37.1-13 BV
10. Jó 37.21-24 BV

Quando Deus aparece,
cessam todas as nossas
argumentações.

CAPÍTULO SETE

Um Novo e Inesperado Sofrimento

Certa vez, há muitos anos, eu estava voltando de uma reunião, onde pregara. Eram duas horas da madrugada; estava chovendo, e eu estava cansado e com sono. As ruas de Portland estavam desertas.

Num dado momento, avancei um sinal vermelho. Mas logo que o percebi, meti o pé no freio e deslizei até o meio do cruzamento, onde parei. Olhei para os dois lados, e depois prossegui vagarosamente atravessando o resto da confluência, e fui para casa.

Não havia nenhum carro, num raio de quilômetros, a não ser um carro da polícia. Pois o guarda me deteve e me multou.

Enquanto aguardava a data em que devia comparecer perante o juiz, fui-me tornando mais e mais revoltado, irritado, buscando mil razões para justificar o fato de considerar a multa injusta.

E durante aqueles dias fiquei a ensaiar o que diria ao juiz.

— Adormeci, diria.

— Não havia tráfego no local.

— Estava com sono.

— Eu parei, só que já tinha passado um pouco do ponto certo; mas eu parei no sinal, e depois achei que seria mais seguro seguir em frente do que voltar.

Você sabe, todas aquelas desculpas que sempre damos.

Cheguei ao tribunal certo de que conseguiria me "safar dessa".

Mas assim que entrei na sala do juiz, senti-me dominado por

uma presença poderosa,
uma presença assustadora,
uma presença atemorizante.

No ponto central da sala, sentado à uma alta mesa de carvalho, estava um homem de expressão severa, todo vestido de negro. Seus olhos frios pareciam penetrar até o fundo da minha alma.

Falou com sabedoria, e em tom decisivo. E quando fez soar seu martelinho sobre a mesa, encerrou toda argumentação. O julgamento fora feito, a sentença fixada. Parecia não caber mais recursos.

E enquanto esperava que meu nome fosse chamado, senti que toda a minha hostilidade como que se esvaía pelos poros. Minhas justificativas pareciam tão infantis, tão inadequadas. Na presença do juiz, tive uma sensação que era um misto de alto respeito e grande pavor.

Por fim, meu nome foi chamado. A acusação foi lida. O juiz ergueu os olhos, fitou-me de uma forma que pareceu penetrar-me até a alma, ali a descoberto diante dele, e perguntou:

— O que você tem a declarar, culpado ou inocente?

E todos os discursos que eu havia ensaiado, desapareceram. Em vez disso, limitei-me a dizer numa vozinha distante, tímida, medrosa:

— Culpado, meritíssimo.

Durante vários meses, Jó estivera pedindo

uma audiência com Deus. Várias e várias vezes solicitara uma entrevista com ele.

Ele ensaiara seu discurso.[1]

Decorara as perguntas que iria fazer.[2]

Estava preparado para fazer acusações.[3]

E então Deus apareceu.

Jó ficou em silêncio. Dele não saiu nem uma vozinha distante, tímida e medrosa. Ele nem "piou". Ficou em silêncio.

Até o instante em que Jó ouviu a voz de Deus proveniente do meio do redemoinho, enxergara Deus como um homem qualquer. Bem, certamente era um homem maior, mais poderoso, mais forte, mais sábio, mas apenas um homem.

O Deus dele tinha encolhido de tamanho para caber dentro dos parcos limites de sua mente finita. Mas ali estava Deus falando com ele. Jó estava assombrado, por isso manteve-se em silêncio.

Sempre que Deus se revela a alguém, algo acontece.

Algo de muito profundo.

Algo diferente.

Algo que revoluciona a vida.

Algo que não se esquece mais, por toda a eternidade.

O pavor, o abatimento e senso de culpa que Jó experimentou naquele momento e que mais tarde iria descrever, parecem ser uma reação bem própria de nós, quando Deus aparece.

Adão se escondeu.[4]

Abraão caiu prostrado no chão.[5]

Moisés cobriu o rosto.[6]

Isaías arrependeu-se.[7]

Ezequiel caiu.[8]

Daniel ficou prostrado em coma.[9]

Saulo de Tarso caiu no chão cego,
sua justiça própria exposta,
sua vontade quebrantada
e seu espírito rendido a Deus.[10]

Quando Deus aparece, cessam todas as nossas argumentações.

No momento em que Deus falou, Jó se esqueceu de suas queixas.

Tenho certeza de que, se Jó pudesse voltar a viver aqueles momentos em que se queixou, não teria pedido uma entrevista com Deus. A dor mais terrível que Jó sentiu ali foi ver sua nudez espiritual exposta diante daquele que tudo vê, que tudo sabe, diante do coração sempre terno e amoroso do Deus todo-poderoso.

Pela primeira vez em sua vida, esse homem bom, justo, inculpável, reto, esse santo homem que morava em Uz, viu a si mesmo como Deus o via.

1. Jó 10.2 BV
2. Jó 10.18 BV
3. Jó 34.5 BV
4. Gn 3.8
5. Gn 17.3
6. Êx 3.6
7. Is 6.5
8. Ez 1.28
9. Dn 8.18
10. At 9.3-9

Deus não é apenas poderoso, mas também é justo; não é apenas onipotente, mas também reto em tudo que faz.

CAPÍTULO OITO

Perguntas que São Respostas

O que Deus disse me deixa bastante admirado. Mas fico muito mais admirado com o que ele não disse.

Ele não repreendeu, não demonstrou piedade e não explicou nada.

Não respondeu diretamente o "por quê?" de Jó.

Não deu atenção às queixas dele.

Em vez disso, Deus respondeu as perguntas de Jó fazendo ele mesmo algumas perguntas[1] — setenta perguntas, para sermos exatos. E começou com uma pergunta que tem por finalidade acabar com todas as nossas perguntas. Ele bombardeia Jó com uma sentença que coloca o homem em seu devido lugar — e Deus no dele.

"Quem é este que escurece meus desígnios com palavras sem conhecimento?"

Que quer dizer:

Quem é este que questiona minha providência?

Quem é este que afirma saber mais do que eu?

Jó havia questionado a sabedoria de Deus, e agora Deus questionava a dele também. Em seguida, Deus lança um desafio a ele:

"Você queria uma confrontação, queria uma acareação; pois agora a tem."

"Levante-se."

Aperte o cinto.

Arregace as mangas.

Vamos acertar os ponteiros.

Jó, que havia questionado a Deus, agora estava sendo obrigado a responder, ou melhor, obrigado a reconhecer que não era capaz de responder a perguntas tão básicas, fundamentais para Deus; perguntas das quais Deus não apenas sabia as respostas, mas que haviam sido formuladas antes mesmo que houvesse possibilidade de terem respostas; perguntas preparadas com o único objetivo de mostrar a Jó que ele era apenas um homem e que Aquele que lhe falava era o Deus verdadeiro.

Onde estava você quando lancei os alicerces do mundo? Diga-me se sabe ao menos isso.

Sabe como determinei as suas dimensões?

Sabe quem fez o levantamento topográfico?

Sabe em que se apóiam os alicerces do mundo, e quem lançou a pedra fundamental, quando as primeiras estrelas cantavam, e os anjos vibravam de alegria?

Sabe quem estabeleceu os limites para o mar, quando as águas brotaram do abismo?

Sabe quem foi que o cobriu de nuvens?

Algum dia você já ordenou ao sol que surgisse de manhã?

Você já vestiu a madrugada com seu manto vermelho?

Sabe onde ficam os portões da morte?

Sabe dizer-me de onde vem a luz — ou a escuridão?
Mas é claro que você deve saber tudo isso, não sabe? Pois nasceu antes que todas essas coisas fossem criadas, não foi?
Jó, você já descobriu meu depósito de neve e de saraiva?
De onde vem a luz? De onde vem o vento?
Quem abriu os vales para a água das chuvas?
Quem estabeleceu a rota dos trovões?
Quem faz com que a chuva caia em desertos áridos, de modo que a terra ressequida e estéril se sacie de água?
"Por acaso a chuva tem pai? Quem produz o orvalho da noite? Quem é a mãe do gelo, e de onde nasce a geada?"
Você seria capaz de reter as estrelas? É capaz de deter as constelações de Órion e as Plêiades?
É capaz de controlar as estações do ano?
Sabe como as cabras selvagens dão cria?
"Por acaso o boi selvagem trabalha para você como um boi manso?"
Sabe por que a avestruz não tem amor pelos seus filhotes?
"Por acaso foi você quem deu forças aos cavalos? Foi você quem colocou no pescoço dos cavalos aquela crina tão bonita?"
Você sabe como o falcão se ergue nos ares... e consegue abrir bem as asas e voar para o sul?
Ainda quer discutir comigo, Jó? Ou vai ceder?
Você — que criticou Deus — tem resposta para essas perguntas?[2]

Deus dá uma passada rápida por toda a criação — a terra, o céu, e depois dá uma visão sucinta do seu ato criador para com os seres vivos. Fez apenas perguntas básicas, e Jó ainda continuava sem resposta.

Por fim, aquele que havia tentado reduzir

Deus às dimensões humanas viu-se muito diminuído, e foi obrigado a reconhecer:

"Não sou nada."

Não tenho resposta para dar.

Já falei até demais.[3]

Mas incansavelmente, como um tigre que persegue sua presa, Deus recomeça a falar:

"Prepare-se para enfrentar a luta pois Eu ainda tenho outras perguntas a fazer e quero que você Me responda."[4]

E Deus se pôs a fazer perguntas de cunho moral a Jó, perguntas que exigem um nível de discernimento profundo, que só Deus possui.[5]

"Você pretende anular o meu juízo e condenar-me, para que possa dizer que você está com a razão?" Quer dizer: "Jó, você quer continuar a defender a idéia de que eu permiti que você sofresse sem ter um motivo em mente?"

"Você é tão forte quanto Deus, e consegue gritar tão alto quanto ele?" Quer dizer: "Jó, você acha que pode defender "no grito" essa idéia de que seu sofrimento é sem razão?"

"Você realmente possui maior discernimento moral que eu?"

Em seguida, Deus o convida para que se revista dos mantos da realeza, e suba ao trono, e faça alguns julgamentos.[6]

"Como você faria com o orgulhoso? E como se faz para identificar quem é realmente orgulhoso? Que tipo de correção você lhe aplicaria para torná-lo humilde? Poderia fazer isso com um olhar?"

"E quanto ao perverso? Como você identificaria quem é realmente perverso? Que castigo específico daria a cada um?"

Em seguida, ele chama a atenção de Jó para dois animais: o hipopótamo[7], um animal terrestre, e o crocodilo[8], um animal aquático. Alguns

comentaristas afirmam que esses dois animais são simbólicos, mas quer eles o sejam ou não, o fato é que Deus os descreve como animais

tremendos,
apavorantes
e terríveis.

Sobre o hipopótamo, Deus diz o seguinte: "Ninguém consegue pegá-lo despercebido; não, ninguém consegue colocar um anel em seu focinho e arrastá-lo para onde quiser."

E sobre o crocodilo fala:

"É inútil tentar capturá-lo.

"Ninguém se atreve a despertá-lo.

"Quando ele se ergue, até os mais fortes temem. Ficam tomados de terror.

"Não existe nenhum animal mais temível em toda a terra. De todas as feras, ele é a mais terrível — é o rei dos animais."

O que Deus estava dizendo a Jó com tanta clareza e com uma eloqüência tão arrasadora era o seguinte:

Como ousa me pedir satisfações?[9]

Jó, se você não é capaz de dominar um hipopótamo,
se não consegue domar um crocodilo,
se não pode resolver os problemas morais da humanidade,
se não sabe responder as perguntas mais fundamentais sobre a criação e sobre a vida...
Como é que você ousa me pedir satisfações?
Como se atreve a me desafiar?
E Jó fica arrasado.
Fica envergonhado.

E finalmente dispõe-se a reconhecer que não pode lutar contra Deus, e que, mesmo que Deus respondesse suas perguntas, provavelmente ele não entenderia.

E ele tinha apenas perguntado "Por quê?"

Mas até mesmo as respostas de Deus, bem como suas perguntas, encontram-se muito acima da compreensão humana.

E Jó disse: "Agora eu compreendo que o Senhor pode fazer tudo que quiser e que ninguém pode impedir o Senhor de realizar seus planos."[10]

Deus não é apenas poderoso, mas também é justo; não é apenas onipotente, mas também reto em tudo que faz; portanto, não adianta ficarmos nos queixando ou discutindo com ele. Afinal Jó se livrou daquela visão distorcida de Deus, e o mirou sob um foco claro e nítido.

E por fim ele respondeu uma das perguntas de Deus — a única que Deus esperava que ele respondesse; a única que ele era capaz de responder.[11] Disse ele:

"O Senhor pergunta quem é esse que insensatamente negou sua providência. Sou eu. Eu estava falando de coisas que não entendia, e das quais nada sabia; coisas que são maravilhosas demais para mim."

"Nem mesmo sei o suficiente para questionar Deus", disse Jó.

"Sou ignorante demais; nem ao menos sei me queixar com inteligência."

"Pensei que conhecia a Deus, mas tudo que sabia era só de ouvir. Todas as informações que possuía, eram recolhidas de segunda-mão. Mas agora, eu o vi."

"E me vi a mim mesmo também; e me desprezo, e me arrependo, no pó e nas cinzas."

Acho até difícil fazer comentários sobre essa cena. Aqui está Deus atuando num homem bom, um homem digno dos maiores elogios, e tornando-o ainda melhor do que é. Deus está operando em um dos seus escolhidos, e aprimorando-o. Está levando Jó a atravessar uma maravilhosa experiência pessoal de purificação e santificação. Com muito amor, ele o aproxima e afasta do fogo,

para queimar as impurezas, preparando-o para ser um modelo de como um homem é aperfeiçoado através do sofrimento.

Esta cena que Jó está vivendo é a experiência por que todos precisamos passar, mas que todos tememos: a dolorosa, porém gloriosa experiência de nos conhecermos como de fato somos, e conhecermos de verdade ao nosso Deus.

1. Jó 38.2 BV
2. Jó 38.4-40.2 BV
3. Jó 40.4,5 BV
4. Jó 40.7 BV
5. Jó 40.8,9 BV
6. Jó 40.10-12 BV
7. Jó 40.15-24 BV
8. Jó 41.1-34 BV
9. Jó 41.10 BV
10. Jó 42.1,2 BV
11. Jó 42.3-6 BV

A única coisa que Deus negou a Jó foi a resposta para a inquietante pergunta: "Por quê?"

CAPÍTULO NOVE

A Pergunta que Ficou Sem Resposta

Jó não obteve a resposta que desejava. Ainda não sabia por que havia perdido seu gado, seus rebanhos, seus filhos e a saúde.

Mas recebeu todas essas coisas de volta, e outras mais.

Quando Deus começou a fazer justiça a Jó, principiou pelos acusadores dele. Acusou-os de apresentarem os fatos de maneira grosseiramente errada, falou de sua ira contra eles, e exigiu um sacrifício pelo pecado. E até negou-lhes o privilégio de fazerem eles mesmos o sacrifício. Esse privilégio fora transferido para Jó.

E Jó recebeu deles os sete touros e sete carneiros, e ofereceu-os em sacrifício a Deus, ao mesmo tempo orando por eles, pedindo que Deus os perdoasse. E Deus os perdoou das palavras incorretas que haviam dito a respeito dele, e das injustiças que haviam falado de Jó.[1]

E naquele exato momento, no momento do arrependimento e do perdão, começaram os milagres da restauração.[2] Os irmãos e irmãs de Jó voltaram, bem como seus antigos amigos, e até sua esposa. Ele teve a saúde restaurada. Sua riqueza foi reconstituída. E as pessoas que vieram visitá-lo trouxeram-lhe presentes em dinheiro e um anel de ouro.

E esse santo homem de Deus,
que tinha perdido todas as suas sete mil ovelhas... recebeu quatorze mil de volta;
que havia perdido seus três mil camelos... recebeu seis mil de volta;
que havia perdido todos os seus quinhentos bois... recebeu mil de volta;
que tinha perdido todas as suas quinhentas jumentas... recebeu mil de volta.
Jó reconquistou sua felicidade.

E aquele pai feliz, que tinha perdido seus dez filhos, recebeu mais dez de volta — e novamente sete filhos e três filhas — vinte ao todo — dez no céu e dez na terra.

Uma porção dobrada — liberalmente dada, e recebida com alegria.

Deus dobrou também seu tempo de vida. Não se sabe com certeza, mas é crença geral que Jó tinha setenta anos quando a tragédia se abateu sobre ele. E Deus, em sua graça, lhe deu mais cento e quarenta anos, de modo que ele pôde ver seus filhos e os filhos de seus filhos, até a quarta geração.[3]

"...e morreu, velho e feliz, depois de uma vida longa e abençoada."[4]

Deus dera a Jó tudo que ele perdera e tudo que ele quisera. Ele justificou a Jó diante de todos os seus familiares e amigos. Chegou a ponto de separar algumas horas, em sua agenda tão cheia, para conceder a ele uma audiência pessoal. Falou com ele pessoalmente, cara a cara.

A única coisa que Deus não deu a Jó, a única coisa que se recusou a dar-lhe, foi a resposta para a inquietante pergunta: "Por quê?"

1. Jó 42.8,9 BV
2. Jó 42.10,11 BV
3. Jó 42.16 BV
4. Jó 42.17 BV

Há ocasiões em que é preciso que Deus pareça "derrotado" na terra, para que seja o "vencedor" de batalhas invisíveis que se travam no céu.

Segunda Parte

APRENDENDO COM O SOFRIMENTO

CAPÍTULO DEZ

Vendo as Coisas do Alto

Mas nós sabemos por que, não sabemos? Nós vimos o que se passou por trás dos bastidores. Vimos as coisas do alto. No começo tivemos o privilégio de dar uma espiada por sobre o ombro do escritor do "roteiro" da vida, e vimos quando ele inseriu na vida de Jó uma cena que explicava tudo.

Gosto de ler o livro de Paul Harvey *The Rest of the Story* (O outro lado da história). Todas as vezes que leio esse relato de fatos menos conhecidos da vida de pessoas célebres, tenho a impressão de que sou um dos poucos privilegiados a quem estão sendo revelados segredos que só um grupo seleto conhece.

Deus nos contou o outro lado da história, ao descrever os dois encontros que teve com Satanás, nos quais os dois discutiram o destino de Jó; as duas vezes em que Satanás questionou a soberania de Deus e a integridade de Jó; as duas vezes em que Satanás apostou no trunfo que tinha; mas em ambas as vezes Deus topou a parada, e ganhou.

Isso aconteceu em algum momento da eternidade, no passado. Deus estava realizando uma de suas rotineiras reuniões de cúpula no céu, discutindo as condições de seus mundos, quando Satanás, o deus deste mundo, apareceu diante dele.[1]

Estava fazendo uma pausa em sua costumeira ronda pela terra,[2] quando Deus lhe perguntou:

"Você observou bem a meu servo Jó? Não há homem igual a ele em toda a terra, tão sincero e justo, obediente a Deus e cuidadoso para não cometer pecado!"[3]

E com um cinismo que é sua característica, Satanás replicou:

"Jó tem razão para isso. O Senhor deu a ele do bom e do melhor, protegendo Jó e sua família de todos os males e tristezas e fazendo dele um homem riquíssimo! Não é sem razão que Jó obedece. Experimente, porém, tirar todas as riquezas e os bens que o Senhor deu a Jó; ele vai se revoltar e dizer coisas horríveis contra o Senhor!"[4]

Deus topou a aposta de Satanás. Disse ele:

"Você pode destruir tudo o que Eu dei a Jó, mas não toque no corpo e na saúde dele."[5]

Foi então que ocorreu a primeira tragédia, quando todo o seu gado e seus rebanhos pereceram, e que a maioria de seus servos foram mortos, e todos os seus filhos morreram.

Foi então que Jó disse:

"Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei; o Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor."[6]

É aí então que a Bíblia diz o seguinte a respeito de Jó:

"Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma."[7]

Mas Satanás não aprende nunca. Aproximou-se outra vez do trono de Deus. E Deus, com a característica satisfação e orgulho de um pai pelos filhos, disse a ele:

"Então, você deve ter observado o meu servo Jó. Deve ter percebido que ele é mesmo o homem mais justo de toda a terra, sincero e obediente a Mim, cuidadoso para não cometer pecado algum. Jó ainda Me ama de coração, apesar de Eu ter permitido que você tirasse tudo que ele possuía, inclusive os filhos."[8]

E mais uma vez, Satanás fez a Deus um desafio. Disse ele:

"Cada um cuida de sua própria pele! Qualquer um ficaria satisfeito de perder tudo o que tem se em troca puder conservar sua vida. Mas se o Senhor estender a mão e tirar a saúde de Jó, ele acabará negando e amaldiçoando a Deus abertamente!"[9]

Para ele tudo em Jó não passava de uma farsa; seu fiel trabalho para Deus, seu caráter imaculado, seu importante envolvimento na comunidade — todas essas coisas tinham objetivos egoístas. Se ele pudesse arrancar aquela máscara de santidade, poderia revelar que Jó não passava de uma fraude.

E mais uma vez Deus topou a aposta.

"Está bem! Faça o que quiser com ele mas não tire a sua vida!"[10]

Logo que teve permissão para tocar no corpo de Jó, começou a imaginar qual seria o melhor método de torturar um ser humano, que ele poderia aplicar em Jó.

Se pudesse fazer com que ele sentisse uma dor constante,
se pudesse isolá-lo dos outros permanentemente,
se pudesse submetê-lo a uma lavagem cerebral incessante,

estava convencido de que poderia obter dele a confissão que desejava, e desse modo desacreditar a Deus.

Posso calcular que ele pensou muito antes de tomar sua decisão. Era uma oportunidade rara, e

não poderia falhar. Acredito que ele deve ter feito uma reunião com seus demônios de confiança, e juntos provavelmente analisaram todas as possibilidades — a tortura de água dos chineses, as ferpas de bambu debaixo das unhas, e todos os outros terríveis e desumanos métodos de tortura que o homem já criou para fazer os outros sofrerem. Por fim decidiram-se por uma técnica que todos achavam ser a mais apropriada, uma tortura que tinha os objetivos de

infligir dor,
separar,
confundir,
humilhar
e envergonhar;

um sofrimento bem prolongado, cujo objetivo supremo era abater o espírito, sem destruir-lhe o corpo. Seria uma tortura que, além de provocar uma profunda depressão espiritual, lhe infligiria também uma excruciante e interminável dor física — uma tortura que parecia não oferecer nenhuma esperança de alívio, e que obrigaria o indivíduo a suportar tudo sozinho.

Foi então que começou aquela coceira. Seu corpo ficou inflamado com uma irritação dolorosa e de feio aspecto. Foi então que sua pele ficou coberta de manchas vermelhas,

os ossos doíam,
as pernas começaram a inchar,
o cabelo caiu,
o rosto ficou intumescido
e a voz tornou-se rouca.

Toda a sua aparência se modificou, a ponto de seu rosto ficar distorcido, abatido; sua pele ficou coberta de uma crosta, constantemente escorrendo pus.

Foi então que sua esposa o deixou, seus amigos o abandonaram e ele foi expulso da comunidade e obrigado a ir para o depósito de lixo da localidade, como os detritos de uma casa, e assim

teve início sua caminhada para o inferno em vida, que se apegou a ele, e não queria largá-lo mais.

Mas Jó não conhecia esse lado dos fatos. Não há na Bíblia nenhuma indicação de que ele tivesse ouvido falar dessa confrontação ocorrida nos céus.

Várias e várias vezes ele pediu a Deus que lhe revelasse a razão de seu sofrimento, mas Deus nunca respondeu a essa pergunta. Nunca explicou o desafio que Satanás lhe lançara.

Deus nunca lhe falou acerca da grande disputa que existe no mundo espiritual. Nunca discutiu com ele as "altas apostas" que tinham sido feitas nas mesas do céu, quando Deus "apostou tudo o que tinha" em Jó.

E ele nunca ficou sabendo — nem antes, nem durante e nem depois — as razões de seu sofrimento.

Ele foi subjugado a sofrer do mesmo modo que nós, às vezes, também temos que sofrer — sem uma explicação.

Ele sabia, como nós sabemos, que o sofrimento faz parte da existência humana.

Ele sabia, como nós sabemos, que o sofrimento está relacionado com o pecado.

E sabia, como nós sabemos, que o sofrimento é um aspecto da disciplina corretiva que Deus aplica aos seus — uma parte do processo de purificação.

E sabia, como nós sabemos, que o sofrimento é inevitável, enquanto estivermos neste mundo.

Mas depois de examinar bem sua vida e seus atos, e de tomar as medidas necessárias para corrigir o que fosse preciso, o sofrimento continuava. Foi então que ele suplicou a cura, não apenas por sua causa, mas por causa de Deus também. Ele entendia que a honra de Deus estava em jogo. Deus também estava sendo obrigado a sentar-se nas cinzas, e aquele não era lugar para Deus.

O que ele não sabia é que há ocasiões em que é preciso que Deus pareça "derrotado" na terra, para que seja o "vencedor" de batalhas invisíveis que se travam no céu.

Jó não conhecia a história da crucificação que tinha todas as características de uma derrota. Ele só sabia que estava-se passando algo de inexplicável. E há momentos em que é só isso que temos o privilégio de saber.

1. Jó 1.6
2. Jó 1.7; 1 Pe 5.8
3. Jó 1.8 BV
4. Jó 1.9-11 BV
5. Jó 1.12 BV
6. Jó 1.21
7. Jó 1.22
8. Jó 2.3 BV
9. Jó 2.4,5 BV
10. Jó 2.6 BV

A guerra não era entre
Satanás e Jó, mas entre
Satanás e Deus.

CAPÍTULO ONZE

Quem Está Travando Esta Guerra?

O objetivo de Satanás não era destruir Jó, mas, sim, desmoralizar Deus.

Essa breve visão que temos da guerra celeste é apenas uma fração do conflito eterno que se trava entre Satanás e Deus.

Jó não tinha a menor importância para Satanás. Era apenas um objeto ao seu dispor — apenas um alvo — um meio para chegar a um fim.

Aqui ele assume as mesmas dimensões de um soldado de infantaria ou de um prisioneiro confinado a um campo de concentração. É visto apenas como um empecilho para se alcançar um objetivo maior, o de obter uma vitória estratégica. No seu caso, Satanás queria utilizá-lo para desacreditar o nome de Deus, fazendo com que um de seus servos fiéis renunciasse a ele totalmente.

Esse era o sentido das palavras "amaldiçoar a Deus".[1]

Amaldiçoar aqui não significa xingar, ou proferir blasfêmias ou linguagem obscena.

Também não significa reclamar, ou criticar.

Não significa questionar, nem ficar irritado contra ele.

Quando damos uma "topada" e ferimos o pé e gritamos "Ai!", não estamos amaldiçoando a Deus.

Existe uma interpretação muito infeliz do livro de Jó que leva as pessoas a sofrerem em silêncio. Quando alguém se atreve a perguntar alguma coisa a Deus, ou a sugerir-lhe que gostaria de ser curado, essa interpretação o faz sentir-se culpado.

Detesto aquela frase: "Não chore!", e a outra que está sempre junto a ela: "Não fale nada!"

As lágrimas são uma forma de terapia, e o desabafo também. Foi Deus quem nos deu os condutos lacrimais e a língua, e quando sofremos, ambos podem auxiliar-nos no processo de aliviar a dor. E Jó utilizou os dois.

Há muitas pessoas que experimentam uma espécie de heroísmo sádico quando estão sofrendo, mas depois, mais adiante, descobrem que aquelas emoções que reprimiram explodem de outras formas.

Amaldiçoar a Deus, na verdade, significa acusá-lo de infidelidade. Significa acusá-lo de não cumprir sua palavra — de falar mentira. Mas não é só isso. Amaldiçoá-lo significa não apenas acusá-lo de ser desleal, mas dar-lhe as costas e procurar outro deus que seja mais digno de confiança.

Isso era uma prática pagã muito comum na época de Jó — e na nossa também. Sempre que uma pessoa fazia ofertas valiosas ao seu deus, esperava que ele lhe desse alguma coisa em troca. Esperava que seu deus o fizesse próspero e o protegesse. Se ele falhasse, a pessoa então destruía aquele deus, ou o rejeitava — ou amaldiçoava.

Amaldiçoar um deus, então, significava trocá-lo por outro, como trocamos nosso corretor da

bolsa, se ele não fizer um bom investimento para nós, ou nosso corretor de imóveis, se ele não conseguir vender nossa casa.

Uma coisa que nunca devemos esperar de Satanás é elevadas opiniões a respeito de Deus. Ele sempre pensou que era superior a Deus, ou pelo menos que era igual a ele. Ele está e sempre esteve convencido de que conhece os pensamentos de Deus e até quais são as limitações dele.

Um erro que ele sempre cometeu é o de pensar que Deus é limitado como ele. E outro, é o de pensar que os servos de Deus são iguais aos dele: aproveitadores, que se vendem a qualquer preço, hipócritas, que têm uma vida muito superficial, e orgulhosos, que nunca aceitariam ser humilhados.

Satanás avaliou Deus e seus filhos pelos seus padrões pessoais, e acabou descobrindo que estava muitíssimo enganado.

Quanto mais ele esmagava Jó, mais este exalava um perfume que ao mesmo tempo agradava a Deus e deixava Satanás boquiaberto. Quanto mais pressionava Jó e o torturava, mais alto Jó proclamava sua lealdade a Deus — até que, quando tudo terminou, Satanás teve que fugir da presença de Deus como um cachorrinho que levou umas varadas. Encurralado em um canto do universo, Satanás foi obrigado a ver um homem reabilitado e um Deus glorificado, na medida em que os dois continuaram a caminhar juntos, num relacionamento perfeitamente satisfatório.

Mas caso alguém tenha receio de que, ao chegar sua vez, não consiga manter-se firme, como Jó se manteve, deixe-me lembrar-lhe uma coisa: a guerra não era entre Satanás e Jó, mas entre Satanás e Deus.

Jó recebe muitos créditos aí, mas isso só acontece porque Deus resolve dá-los a ele. E é

interessante observar que Deus sempre age assim.

Deus faz a obra — mas o homem fica com os méritos.

É assim mesmo o nosso Deus, não é?

Jesus disse: "Sem mim nada podeis fazer."[2] E depois prometeu ao servo seu que fosse fiel mesmo no sofrimento: "Grande é o vosso galardão no céu."[3] Se é Deus quem nos capacita, e é Cristo quem nos dá a força, parece que o galardão deveria ser deles. Mas não; Deus realiza a obra, e dá a nós os méritos.

Lembro-me da ocasião em que estava ensinando meu filho John a jogar golfe. Ele mal conseguia segurar o taco. Eu passava os braços em volta dele, pegava as mãos dele, segurava o taco com firmeza e depois fazia o giro. E sempre que conseguíamos bater na bola e fazê-la voar nos ares, por menor que fosse a distância, eu batia palmas, gritava e dava-lhe tapinhas nas costas, e dizia:

— John, vejá só o que você fez agora. Excelente tacada, filho!

O fato é que nós dois sabíamos qual era a verdade. E você também sabe o que acontece de verdade. E Deus sabe o que acontece de verdade em cada vitória espiritual que temos. É ele quem faz tudo, mas ainda assim deixa que fiquemos com os méritos.

Foi a maravilhosa graça divina na vida de Jó que o impediu de amaldiçoar a Deus; foi a constante presença de Deus com ele; foi o imbatível poder de Deus em sua vida.

Todos os louvores pertencem a Deus, e não a Jó, pois aquela guerra, bem como os seus resultados, era de Deus, e não de Jó, exatamente como acontece em nossa experiência também.

Sempre que o objetivo ou propósito final de certo acontecimento for determinado por Deus, o resultado poderá ser previsto.

Satanás é o derrotado — Deus é o vencedor. E Deus já predisse qual será o resultado dessa batalha em cada um de nós. Por quê? Porque somos fortes? Porque somos fiéis? Não! Porque ele é forte, é fiel, e é "poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia".[4]

Certa vez, quando eu e Martha estávamos conversando sobre a graça de Deus, ela disse:

— Acho que não tenho a graça de Deus para morrer, e isso me preocupa.

Ao que lhe respondi:

— Não precisamos de graça para morrer, mas para viver. Quando chegar a hora de morrer, nós a teremos.

Muitos de nós se preocupam e temem não ter graça para enfrentar o sofrimento quando ele chegar. Mas o fato é que não precisamos de graça para sofrer, quando estamos nos regozijando. Quando chegar a hora de sofrermos, a graça estará presente — como estava no caso de Jó.

Não nos preocupemos. Deus nos sustentará também, como sustentou a Jó.

---

1. Jó 1.11; 2.5
2. João 15.5
3. Lc 6.23
4. 2 Tm 1.12

Todo sofrimento que atinge o crente tem que receber primeiro a permissão de Deus.

CAPÍTULO DOZE

Como se Preparar Para o Sofrimento

Se você antevê que vai enfrentar sofrimento em futuro próximo — coisa que, aliás, ninguém normalmente faz, embora a maioria acabe por enfrentá-lo de um jeito ou de outro —, então é melhor se certificar de que entende corretamente o ensino bíblico sobre esse assunto.

A reação que temos face ao sofrimento é determinada pelo conhecimento que temos de Deus. Nossas noções acerca de Deus influenciam o modo como reagimos às provações.

Aquele que, como muitas outras pessoas, pensa que a grande provação de Jó foi-lhe infligida por Satanás sem que Deus o visse, pois estava absorto com outros assuntos, e acredita que o sofrimento por que ele passou era inevitável — era algo que nem mesmo Deus poderia ter impedido — essa pessoa poderá se desesperar facilmente, e desistir de tudo.

Mas quem vê Deus como o Deus revelado na Bíblia,

supremo,
soberano,
e sensível,

que não deixa que passemos por provações sem a permissão dele, esse vê um motivo para o sofrimento, mesmo que não saiba qual é esse motivo. A teologia bíblica conserva a vida de um crente maravilhosamente afinada.

Sempre devemos interpretar nossas experiências à luz das verdades reveladas; devemos enxergar todos os sofrimentos através das lentes da divindade. Quando enxergamos Deus sob um foco bem nítido, a nossa vida também fica nítida, nunca distorcida.

Harold S. Kushner escreveu um livro intitulado *When Bad Things Happen to Good People* (Quando coisas ruins sucedem a pessoas boas), que foi publicado em 1981 pela Avon Books, e que imediatamente se tornou um *best-seller*. Nele, o autor, o Rabino Kushner, analisa essa pergunta "Por quê?" revivendo a dolorosa experiência do sofrimento e morte de seu filho Aaron. Trata-se de um livro muito bem escrito, bastante interessante e de fácil leitura. O único problema dele é sua posição teológica.

Ele apresenta Deus como uma força reacionária no universo, que nem sempre está no controle da situação. Descreve um deus muito diferente do Deus da Bíblia, que não tem conhecimento de tudo que se passa no mundo.

E levanta a seguinte questão: "Será que Deus não ocasiona as coisas ruins que nos acontecem?"[1] E então analisa o livro de Jó para responder a essa pergunta. No seu exame desse relato, que ele denomina "a fábula de Jó",[2] o autor chega à conclusão de que "as coisas ruins que sucedem às pessoas boas deste mundo não ocorrem porque Deus quer que ocorram. Ele gostaria que todos as pessoas recebessem aqui as boas coisas que merecem, mas nem sempre ele consegue fazer com que isso aconteça."[3]

Sugere ainda o seguinte: "Deus quer que os justos tenham uma vida feliz, cheia de paz, mas

às vezes nem ele pode garanti-la a eles. É muito difícil — até mesmo para Deus — impedir que a crueldade e o caos envolvam vítimas inocentes."[4]

E ele termina aconselhando os leitores a "perdoar Deus, apesar das limitações dele, como fez Jó, da mesma forma que já aprendemos a perdoar e amar nossos pais, embora não sejam sábios, fortes e perfeitos como gostaríamos que fossem."[5]

Recentemente vi a propaganda de um filme intitulado "*The Incredible Shrinking Woman*" (A incrível história da mulher que encolheu). Fala de uma mulher que, por alguma razão, começa a encolher-se. E a mulher foi encolhendo e ficou tão pequena que, por fim, era-lhe impossível subir à sua cama. Os pés das mesas e cadeiras eram como prédios altos para ela.

Mas seu maior temor era que seu gatinho a pegasse e comesse.

Afinal, ela cai dentro da pia e é sugada pelo triturador de lixo.

Harold Kushner, como muitas pessoas hoje que não conseguem compreender o que é incompreensível, tende a encolher Deus, tornando-o cada vez menor, reduzindo-o às dimensões humanas, e depois tenta descrevê-lo em termos humanos.

E o resultado disso é que o Deus da Bíblia, eventualmente, torna-se um desconhecido para as próprias pessoas a quem foi revelado.

Jó tinha um conceito muito mesquinho a respeito de Deus.

Ele pensava que Deus trata os servos dele da mesma forma que os homens tratam os seus, e que, como ele simplesmente não estava entendendo a razão de seu sofrimento, Deus passava por uma de suas imprevisíveis e estranhas mudanças de humor, e o castigava sem motivo.[6]

Ele precisava compreender melhor a singularidade de Deus.

E Eliú então chamou a atenção dele para sua insensatez, dizendo-lhe o seguinte: "Deus é maior do que o homem... não te dá contas de nenhum dos seus atos."[7] Mas Jó não entendeu isso.

Outra coisa que Jó pensou foi que, como Deus se mantinha silencioso, isso significava que estava ausente.[8] Ele não tinha a visão que Davi possuía acerca da presença eterna de Deus, como disse:

> "Para onde me ausentarei do teu Espírito? para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares: ainda lá me haverá de guiar a tua mão e a tua destra me susterá."[9]

E Jó poderia ter acrescentado mais um verso a esse belíssimo salmo de Davi. Ele poderia ter dito:

> "Mesmo quando sou expulso de minha casa, e obrigado a me deitar no pó e na cinza no depósito de lixo de Uz, tu ali estás."

E Deus estava lá, trazido nas asas do vento, escutando, observando tudo, esperando o momento certo para entrar em cena, e restaurar o estado de Jó.

Nunca me esquecerei de como, certa vez, Deus transformou em santuário um pequeno compartimento da ala psiquiátrica do Hospital dos Veteranos de Guerra, apenas fazendo-me sentir sua presença.

E um domingo de Páscoa, em que me encontrava numa trincheira na Nova Guiné, que acabou-se tornando uma experiência rica e gratificante, simplesmente porque experimentei um forte senso da presença de Deus.

O irmão Lourenço ensina que a mais triste ou mais secular experiência da vida pode ser trans-

formada em algo belo, se soubermos "praticar a presença de Deus".

Jó achou que, como não havia uma razão compreensível para seu sofrimento, então não havia propósito nele.[10]

A princípio, ele não entendia a verdade da soberania de Deus. Mas quando o Senhor finalmente se revelou, a declaração que Jó fez tornou-se uma das maiores definições de soberania divina de todos os tempos. Ele disse:

> "Agora eu compreendo que o Senhor pode fazer tudo que quiser e que ninguém pode impedir o Senhor de realizar seus planos."[11]

Ele compreendeu a participação divina em seu sofrimento, sem contudo saber por quê. E finalmente aceitou o fato de que, por razões que ele desconhecia, Deus estava no controle de tudo.

O livro de Jó apresenta o quadro de um envolvimento ativo de Deus no sofrimento humano. Esse envolvimento, como vemos no desafio que Satanás lançou a Deus, foi em forma de permissão.

Antes que Satanás pudesse erguer um dedo que fosse contra Jó ou tocar em seus bens, teve que obter primeiro a permissão divina.

Isso significa que Deus permitiu que Jó sofresse. Aquilo não partiu de uma decisão dele. E também ele não impediu que tudo aquilo acontecesse, como não impediu que Adão e Eva comessem do fruto proibido — ele permitiu que isso sucedesse.

Deus permite que nos sobrevenham sofrimentos. E essa talvez seja a única explicação que receberemos com relação a isso.

Todo sofrimento que nos atinge tem que receber primeiro a permissão de Deus. Quem não aceita esse fato, não crê realmente que Deus é soberano — e quem não crê na soberania dele, acha-se totalmente desvalido diante de todas as forças do céu e do inferno. Nesse caso estamos à

mercê dos instáveis caprichos de qualquer pessoa ou coisa que quiser prejudicar-nos.

Pouco antes da crucificação de Jesus, Pilatos disse a ele: "Não sabes que tenho autoridade para te soltar, e autoridade para te crucificar?"

E Jesus lhe respondeu: "Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada..."[12]

Pilatos não poderia ter levantado um dedo sequer contra Jesus Cristo, sem que primeiro tivesse obtido permissão de Deus.

Quando Jesus estava predizendo que Pedro iria negá-lo, afirmou o seguinte: "Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo."[13]

Satanás não poderia levantar um dedo contra Pedro sem que primeiro obtivesse a permissão de Deus para tal.

Faz algum tempo, eu e Martha fizemos planos para passar as férias de verão num determinado lugar, calculando que iríamos ter momentos maravilhosos. Conseguimos emprestada a casa de campo de um amigo no Oregon, e nos preparamos para passar ali três semanas descansando, estudando um pouco, andando de bicicleta e promovendo divertimentos para nossos filhos. Então pegamos nossos livros, as cadeiras dobráveis, armamos as camas, ligamos o televisor e começamos a desfrutar de um necessário descanso.

Na primeira tarde que ali passamos, pegamos as bicicletas e fomos dar um passeio numa fazenda-recreio. Mas antes que o passeio terminasse, eu sofri um acidente, quebrei três costelas, tive uma pequena concussão e inúmeros cortes e arranhões nos braços e pernas. Fiquei bastante machucado. Passei cinco dias no hospital.

Pouco antes de receber alta, contraí herpes.

Nos meses que se seguiram, várias vezes, me

vi inclinado a pensar que a doença de Jó fora realmente herpes.

Não preciso dizer que nossos planos para as férias tiveram que ser alterados. E, no meu caso, nem tive férias. E aquele período que prometia ser de descanso e lazer, acabou-se tornando meses de tormento.

Por quê? Não tenho a menor idéia.

A única coisa que sei com certeza é que, por alguma razão que desconheço, Deus permitiu que eu sofresse aquele acidente e contraísse herpes. Naquela época, saber só isso não seria suficiente para mim. Eu precisava da atenção dos médicos e da minha esposa, bem como dos remédios; mas hoje isso basta.

Deus permite que soframos, pois todo sofrimento que nos atinge tem que receber antes a permissão de nosso Pai.

Saber isso a respeito de Deus não diminui a dor, mas alivia consideravelmente a aflição que nos acomete e que muitas vezes intensifica o sofrimento, a ponto de ele se tornar insuportável.

Quero repetir aqui o que já disse: se você antevê que vai enfrentar sofrimento em futuro próximo — coisa que, aliás, ninguém normalmente faz, embora a maioria acabe por enfrentá-lo de um jeito ou de outro — então é melhor se certificar de que entende corretamente o ensino bíblico sobre esse assunto.

---

1. Harold S. Kushner *When Bad Things Happen to Good People* (Quando coisas ruins acontecem a pessoas boas) New York, Avon Books, 1981.
2. Id.
3. Ibid.
4. Ibid.
5. Ibid.
6. Jó 33.8-13
7. Jó 33.12,13
8. Jó 33.13-16
9. Sl 139.7-10
10. Jó 34.7-13
11. Jó 42.2 BV
12. Jo 19.10,11
13. Lc 22.31

Ninguém pode explicar
perfeitamente os atos
de Deus; só ele.

CAPÍTULO TREZE

Por quê?

Qual era o erro do conceito teológico dos amigos de Jó?

Elifaz, Bildade e Zofar irritaram tanto a Deus, que ele falou: "A minha ira se acendeu contra ti... porque não disseste de mim o que era reto, como o meu servo Jó."[1]

E aqueles três homens, que viajaram de tão longe, com intenções tão honrosas, e cuja vontade era consolar e reanimar o amigo, quase foram mortos por Deus. Foram acusados de pecado intencionado. Não haviam falado a respeito de Deus o que era certo.[2]

Primeiro, eles alegaram conhecer a mente de Deus. Todos nós já ouvimos pessoas dizerem:

— Ah, eu sei por que Deus permitiu que isso acontecesse com você...

Eu mesmo já ouvi isso muitas vezes.

Quando nosso filhinho Jimmy morreu, uma mulher nos disse:

— Deus levou seu garotinho, porque vocês não tiveram fé para crer que ele seria curado.

Quando eu tive herpes, um homem me disse:

— Isso é a voz de Deus, dizendo-lhe para diminuir o ritmo.

Certa vez, quando estava pregando nas Filipinas, fiquei doente, e um amigo me disse:

— Deus está querendo lhe dizer que deve parar de viajar a países estrangeiros.

A única vez em que achei que um desses "intérpretes da voz de Deus" poderia estar com a razão, foi quando tive o acidente de bicicleta. Ele me disse:

— Acho que Deus está-lhe dizendo para parar de andar de bicicleta.

Tanto concordei com ele, que desde então nunca mais andei de bicicleta.

Ninguém conhece a mente de Deus, a não ser ele mesmo.

Ninguém pode explicar perfeitamente os atos de Deus; só ele.

Os únicos fatos acerca do pensamento de Deus que podemos compreender são os que ele registrou claramente na Bíblia.

Deus tem métodos próprios e meios maravilhosos de revelar sua vontade a nós, ou como grupo ou individualmente. Mas a explicação de suas razões pessoais para cada ato que ele pratica pertence apenas a ele.

Elifaz, Bildade e Zofar já estavam com tudo equacionado. Eles afirmaram: "Deus o está castigando por causa de seus pecados." E sustentaram essa tese, repetiram-na várias vezes, e nunca voltaram atrás no que haviam dito.

Tudo que disseram depois desse comentário inicial, na verdade, é uma repetição dele; são as mesmas palavras ditas várias vezes; como um disco estragado; ampliado e intensificado; mas não disseram nada de novo nem diferente.

Afirmar uma coisa dessas é pura arrogância.

É o cúmulo do orgulho.

É uma afronta a Deus, e causa constrangimento ao Corpo de Cristo.

Só Deus conhece a mente de Deus.

Quando as pessoas ficam a me perguntar por quê? por quê?

Por que Deus deixou que meu filho morresse?

Por que Deus permitiu que eu perdesse meu emprego?

Por que Deus permitiu que meu negócio falisse?

A resposta que melhor expressa respeito à soberania de Deus é: "Não sei." Os homens podem ter diversas explicações, mas as razões por que Deus age como age são um mistério para mim, pois...

"O seu entendimento não se pode medir."[3]

"Não se pode esquadrinhar o seu entendimento."[4]

E o apóstolo Paulo afirma:

"Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos."[5]

Elifaz, Bildade e Zofar não sabiam, e nem poderiam saber com certeza o que era que Deus estava fazendo na vida de Jó, nem tampouco a razão disso.

Segundo, eles algemaram Deus, limitaram-no numa moldura teológica própria, humana.

Sua simples e única tese era que

"O homem reto recebe como prêmio, de Deus, prosperidade."

E dizia mais:

"O sofrimento é o castigo que Deus dá ao homem pelo pecado."

"Se você tiver uma vida reta será abençoado."

"Se você pecar, será amaldiçoado."

A palavra "soberano" sugere a idéia de liberdade; significa que Deus é livre para fazer o que lhe agrada, na hora que ele quiser. As únicas limitações a essa liberdade são as que a própria natureza de Deus impõe a ele.

Se uma pessoa insinua que Deus deve agir e reagir da mesma forma, sempre, com todas as pessoas e em todos os lugares, está desvestindo Deus de sua soberania.

Em meu estudo das Escrituras e recordando minhas próprias experiências, estou convencido de que Deus tem prazer em manter-nos desprevenidos, empregando para isso um artifício diferente a cada vez que quer chamar nossa atenção para si.

Elifaz, Bildade e Zofar retratam Deus como um ser inflexível, de métodos rígidos, como que feitos de concreto. Na opinião deles, ele seria incapaz de romper essa rigidez por algum tempo para criar uma experiência nova e singular, uma experiência única, com o objetivo de obter a atenção de uma pessoa singular, especial.

E Deus afirmou:

> "Porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos."[6]

Em terceiro lugar, o Deus que aqueles três homens adoravam tinha uma deformidade espiritual, era um Deus que mancava; pois o seu lado da justiça era muito mais longo do que o da bondade.

Eles viam a Deus como uma espécie de juiz cósmico, pronto para dar uma cacetada em qualquer um que desse um passo em falso.

Eles o viam como um Deus cruel e rancoroso, um Deus

sem compaixão,
sem misericórdia,
sem a graça divina,
sem bondade,
sem paciência
e sem amor.

Eles viam

apenas a severidade de Deus,
apenas a retidão de Deus,
apenas a santidade de Deus,
apenas a lei de Deus,

ignorando totalmente
seu amor,
sua misericórdia,
sua bondade
e sua graça.[4]

A teologia deles era desequilibrada, assim como a nossa muitas vezes o é.

Muitos de nós, que fomos criados em lares evangélicos, temos a tendência de nos inclinarmos nessa mesma direção. Chamamos a isso legalismo. Temos dificuldade em abandonar a atitude de medo de Deus para assumir a de amor a Deus; não sabemos apreciar Deus. Temos nos concentrado mais nos aspectos negativos do cristianismo do que nos positivos, mais nos "não pode" do que nos "pode".

Eu mesmo ainda me encontro num processo de libertar-me dessas amarras teológicas, e estou descobrindo que a liberdade em Cristo é uma experiência maravilhosa.

A Bíblia revela Deus como um Ser equilibrado.

Em Romanos 11.22 vemos o equilíbrio entre bondade e severidade.

No Salmo 85.10 esse equilíbrio é assim descrito:

"Encontraram-se a graça e a verdade; a justiça e a paz se beijaram."

Esse equilíbrio teológico é realmente muito difícil.

Mas se quisermos nos colocar de pé, aprumados diante de um mundo aleijado, e revelar nosso Deus adequadamente para uma civilização capengante, será necessário termos esse equilíbrio teológico.

Deus repreendeu severamente a Elifaz, Bildade e Zofar, porque se puseram a falar a respeito dele antes de o conhecerem de fato.

---

1. Jó 42.7
2. Jó 42.7,8
3. Sl 147.5
4. Is 40.28
5. Rm 11.33
6. Is 55.9

Se alguém acha que a morte é a solução para o problema do sofrimento, é melhor essa pessoa, primeiramente, entender bem o que é a morte.

CAPÍTULO QUATORZE

Uma Solução que Não Resolve Nada

Eu já pensei seriamente em cometer suicídio. Em meu livro, *Depression* (Depressão),[1] escrito em conjunto com o Dr. Emery Nester, dedico um capítulo inteiro a esta questão.

Tenho sempre uma sensação de profunda vergonha, quando me recordo daquele período de abatimento, quando estive dominado por uma horrível depressão, e várias vezes me vi examinando a hipótese de suicidar, para fugir ao sofrimento.

Jó também quis morrer. Acredito que a maioria das pessoas, em alguma fase da vida, abriga o mesmo desejo.

Jó diz várias vezes que a morte seria bem mais preferível àquela vida.[2]

"Porque não morri ao nascer?"

"Por que a parteira me deixou viver?"

"Ah, se eu tivesse nascido morto! Se nunca tivesse respirado nem visto a luz do dia."

"Por que se dá a luz e a vida aos pobres e amargurados, que desejam a morte e ela não vem; que a procuram como outros procuram alimento e riqueza."

Não era só de Deus que Jó tinha uma imagem mesquinha; ele tinha uma imagem bem restrita da morte também. Ele via a morte como o mundo hoje vê a morte. Às vezes ele a via como o fim, como o término da existência, como o término de tudo, o desfecho da vida humana.

Diz ele:

"Se eu tivesse morrido assim que nasci estaria feliz agora, descansando em paz."

"Porque depois da morte os perversos já não podem mais praticar suas maldades; quando morrem, os que viveram sofrendo podem descansar."

"Depois da morte, os presos já não escutam as ameaças dos guardas da prisão e ficam em plena liberdade."

"Depois da morte, todos são iguais, ricos e pobres. O escravo finalmente fica livre de seu dono."

"Que alegria para eles encontrar alívio e descanso numa sepultura!" [3]

E mais tarde diz:

"Minha vida vai sumindo aos poucos, como uma vela que se apaga. Bem sei que meu destino é a sepultura."

"Não! Minhas esperanças serão sepultadas junto comigo e juntos descansaremos debaixo da terra." [4]

Contudo, ele parecia estar muito inseguro a respeito do que a morte lhe reservava, assim como o mundo hoje está. Em determinado momento ele diz:

"As águas dos rios e lagos secam e desaparecem quando há uma seca; do mesmo modo, o homem dorme o seu último sono e não acorda até que os céus deixem de existir." [5]

E em outro afirma:

"Quando o homem morre, por acaso volta a viver? Essa esperança é que me faz aguentar os sofrimentos desta vida até chegar o dia de passar para aquela vida melhor."[6]

Há ainda um outro momento em que revela sua ambivalência, sua incerteza a respeito da morte. Diz ele:

"Eu sei que mais tarde, "vestido" com um novo corpo, estarei na presença de Deus. Sim, eu verei Deus face a face! Ninguém vai precisar me contar coisas sobre Ele! Como desejo que esse dia chegue logo!"[7]

Num instante ele pensava uma coisa, no seguinte pensava outra; estava confuso; não sabia ao certo o que a morte lhe traria.

Se alguém está pensando em morrer, é bom procurar saber bem o que é a morte, antes de começar a fazer planos para ir atrás dela.

A Igreja de Jesus Cristo é uma "agência de viagens" bastante preparada, com muitos mapas à disposição dos interessados. Não é necessário ficar na incerteza, quanto ao que se irá encontrar lá, ou como fazer para chegar onde se quer ir.

Mas duas pessoas argumentaram com Jó sobre aquele seu constante desejo de morrer.

Eliú suplicou-lhe bastante comovido:

"Não fique desejando morrer de repente, no meio da noite.[8]

— Por favor, Jó, não queira morrer, disse ele.

E Deus dirigiu a Jó uma pergunta:

"Você sabe onde ficam as portas do reino dos mortos, um lugar de profunda escuridão?"[9]

Hoje em dia somos entretidos com uma visão bastante irreal e vazia da morte. Através de uma tela de cinema ela nos parece tão inofensiva. Mas quando nos deparamos com a morte numa agên-

cia funerária, ela nos parece tão real.

Gosto de levar os membros de nossa equipe aos sepultamentos de que participo, não apenas para que assistam ao culto fúnebre, e tenham contato com os membros da família do morto, e ouçam as palavras de consolo, mas também com o intuito de antes levá-los à sala de embalsamamento para que possam se conscientizar do grande e incrível contraste entre a verdadeira morte e a apenas simulada.

Um corpo sem vida é um espetáculo horrível, desolador, impressionante. Muitas pessoas nunca viram um morto como ele realmente é — um morto sem *blush*, sem qualquer outra maquiagem, e sem coloração artificial da pele. É simplesmente horripilante.*

Deus perguntou a Jó:

"Você sabe onde ficam as portas do reino dos mortos, um lugar de profunda escuridão?"

Jó, você sabe realmente o que é a morte? E embora a morte física seja terrível, a espiritual é muito pior. Deve ser apavorante estar separado do corpo; mas estar separado de Deus é inimaginável.

O escritor do livro de Hebreus afirma que a morte não é um lugar de descanso, nem de fuga, nem de libertação, mas, sim, de punição, bem ao contrário do que Jó parecia pensar.

"... aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo."

Descanso, libertação e paz estão reservados apenas para aqueles que já se prepararam para passar a eternidade com Cristo, no céu, e estão dispostos a esperar e permitir que Deus encene seu divino drama na vida deles, até o momento

*Na América do Norte, as agências funerárias preparam o corpo dos mortos para o sepultamento, embalsamando-o, e em alguns casos aplicando uma leve maquiagem, de modo que o cadáver fica com ótima aparência, e parece estar apenas adormecido. NT.

exato em que ele resolva baixar a cortina, e chamá-los ao lar celestial.

Se alguém acha que a morte é a solução para o problema do sofrimento, é melhor essa pessoa, primeiramente, entender bem o que Deus — que é quem detém as chaves da vida e da morte — tem a dizer a respeito dela.

1. Don Baker e Emery Nester, *Depression, Finding Hope and Meaning in Life's Darkest Shadow* (Depressão: como encontrar esperança e propósito na sombra mais escura da vida) Portland, Multnomah Press, 1983.
2. Jó 3.11-21 BV
3. Jó 3.13-22 BV
4. Jó 17.1,16 BV
5. Jó 14.11,12 BV
6. Jó 14.14 BV
7. Jó 19.26,27 BV
8. Jó 36.20 BV
9. Jó 38.17 BV
10. Hb 9.27

Reclamar é duvidar de Deus. É o mesmo que insinuar que Deus, na verdade, não sabe o que está fazendo.

CAPÍTULO QUINZE

O Pecado de Jó

Você já acusou a Deus, dizendo que ele não sabia o que estava fazendo?

Talvez não o tenha feito com essas palavras, mas reclamar da vida é o mesmo que dizer isso. É verdade que isso nem chega perto de outra prática, a de amaldiçoar a Deus, mas é uma acusação contra ele. Implica em questionar a sabedoria e o bom-senso dele.

Isso se chama presunção. Reclamar de uma circunstância da vida que escapa ao nosso controle é insinuar que Deus está desinteressado, ou então não é inteligente como nós.

Quando falamos em reclamar não nos referimos a discutir, nem a explorar, nem a buscar o sentido das coisas. Também não estamos falando em descrever os próprios sentimentos, nem apelar a outros querendo aconselhamento, ou pedindo oração.

Reclamar significa atirar uma acusação contra Deus, após fazermos uma análise de uma circunstância de nossa vida que escapa ao nosso controle. É o caso de uma pessoa atirar para o

céu uma acusação na qual insinua que Deus é injusto, ou não tem sabedoria, ou não a ama, ou está desinteressado em relação aos seus problemas e necessidades.

E Jó reclamou — incessantemente, em voz bem alta, com amargura. Aliás, a palavra "queixar" aparece com mais freqüência no livro de Jó do que em qualquer outro livro da Bíblia. Quase cinqüenta por cento das "queixas" da Bíblia saem da boca de Jó.

Diz ele:

"Queixar-me-ei na amargura da minha alma."[1]

"... darei livre curso à minha queixa."[2]

E com apenas um golpe certeiro de sua pena, Deus coloca o pecado de Jó em alto relevo, quando diz:

"Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento?"[3]

Que é o mesmo que dizer:

Por que você está negando minha providência com sua ignorância?

Ou

Quem é este que duvida de meu bom-senso?

Ou

Quem é este que afirma saber mais do que eu?

Ou

Quem é este que pensa que sabe mais do que eu o que é melhor para sua vida?

Ou

Quem é este que se atreve a questionar-me?

Ou

Quem é este que está-me acusando de não saber o que estou fazendo?

E assim, com essa abrasante pergunta, Deus coloca o dedo no único pecado que maculou ou desfigurou toda aquela experiência de sofrimento por que Jó passou; o único pecado do qual ele, finalmente, teve que se arrepender.

Deus enfatiza a seriedade do pecado da queixa no Salmo 78, onde narra as experiências do povo de Israel quando este viajava do Egito para Canaã.

Eles se queixaram quando seu líder estava com eles.
Reclamaram quando ele estava ausente.
Queixaram-se porque não havia água.
Queixaram-se porque não havia alimento.
Depois que Deus providenciou o alimento,
Queixaram-se de não terem carne.
Queixaram-se porque a jornada estava sendo
demorada,
penosa,
cheia de lutas.
Queixaram-se porque Deus os castigou pela reclamação.

As constantes queixas do povo de Israel afinal irritaram a Deus, e sua ira se acendeu contra eles; por quê? Porque para Deus a queixa é o mesmo que incredulidade. Ele diz que queixar é pecado, rebelião, incredulidade, engano e traição.[4]

E Deus reagiu de maneira dura à incredulidade deles, embora os amasse, perdoasse, tivesse compaixão deles e por várias vezes tivesse retido sua ira. Repreendeu-os, castigou-os, matou alguns deles, destruiu suas colheitas, matou seu gado. Por quê? Porque queixar é duvidar de Deus. É o mesmo que insinuar que Deus não sabe o que está fazendo.

A possibilidade de tornar-se livre agradou ao povo de Israel; gostaram da promessa de uma "terra que mana leite e mel";[5] adoraram a idéia de terem um lugar só deles, onde pudessem cultuar a seu Deus Jeová — mas detestaram o processo por que tiveram de passar para chegar a essa terra.

Jó se deleitava ante a perspectiva de um dia morrer tranqüilamente em seu pequeno ninho,

após uma vida longa e agradável. Mas detestou a experiência de sofrimento que teve de enfrentar.

Gostou da promessa, mas detestou o processo.

Nós nos deliciamos com os conceitos que temos sobre o céu, mas a idéia de morrer nos assusta, e lutamos contra ela até onde podemos.

Gostamos da promessa, mas detestamos o processo.

Alegramo-nos com a esperança de obter a perfeição, mas lutamos contra o sofrimento do aprimoramento.

Gostamos da promessa, mas detestamos o processo.

Ah, se pudéssemos passar direto do recebimento da promessa para o seu cumprimento, sem passar pelo processo de chegar a ela!

E é exatamente durante o processo que passamos para chegar ao lugar que Deus nos prometeu, que expressamos as amargas queixas da vida. Caminhamos penosamente no meio de circunstâncias que *parecem* não ter nada a ver com a "promessa". É aí então que imaginamos se Deus *não nos* terá abandonado, ou se ele realmente sabe o que está fazendo.

Faz alguns anos, fui convidado para pastorear uma igreja numa localidade onde nunca tive vontade de morar. Mas Deus me impediu de dizer não.

Certo dia, quando eu estava lendo o livro de Isaías, um versículo ali como que saltou da página, agarrou-me e não me largou mais.

Ele me revelou verdades muito importantes, tais como:

1. Você vai gostar da terra.
2. Seu ministério vai desenvolver.
3. Sua saúde vai melhorar.

E ali sentado, relendo aquele texto, eu tinha vontade de resistir à idéia de uma aplicação pessoal, usando bons argumentos de hermenêutica. Sabia que a promessa tinha sido originalmen-

te dirigida ao povo de Israel, e que era perigoso manipular o contexto, mas, mesmo assim, enquanto o lia, dei-me conta de que lágrimas escorriam pelo meu rosto.

Martha entrou ali, sentou-se ao meu lado, e indagou:

— Nós vamos ou não vamos?

— Vamos, respondi. Nós vamos para lá.

Quando mostrei o texto para ela, os versos me pareceram ainda mais apropriados, certeiros e bastante estimulantes.

Meses depois, eu estava sentado sozinho em meu carro, nos arredores da cidade, observando tudo. Era muito árida. Eu sempre detestara regiões desérticas. Gostava do verde — da relva verde, árvores verdes, colinas verdes e montanhas verdes. Mas ali tudo era marrom: o solo era marrom, a relva, as casas, os prédios, e não havia morros nem montanhas.

Eu costumava pegar o elevador e ir até o décimo terceiro andar do prédio mais alto da cidade só para olhar de lá — era tudo plano.

E o trabalho ali, na verdade, estava sendo difícil; e o sucesso era pouco expressivo.

Quanto à minha saúde — tive mais problemas de saúde lá do que em qualquer outro lugar. Passei quatro anos em profunda depressão psicológica, e dois meses e meio numa ala psiquiátrica de um hospital. Fui obrigado a deixar o pastorado devido a declínio constante na saúde.

E durante todo o tempo em que passava por isso, indagava:

Onde está Deus?

Será que ele realmente sabe o que está fazendo?

Ou então pensava:

Será que interpretamos errado os sinais de Deus?

Será que entendemos mal as Escrituras?

Hoje, passado já algum tempo, enxergando

melhor as coisas, eu e Martha nos regozijamos com aquela promessa que cremos era realmente para nós. O problema foi que não entendemos o processo.

Agora, muitos anos depois, gostamos imensamente do lugar onde trabalhamos, minha saúde melhorou muito, o trabalho está desenvolvendo. E nada disso seria possível sem aquela "passagem pelo deserto", impregnada por aquelas situações que precisávamos enfrentar, mas que não esperávamos nos sucedessem, e que certamente não desejávamos.

Eu reclamei quando estava no deserto.

Mas quando me conscientizei da enormidade do meu pecado, arrependi-me.

Queixar-se de qualquer uma das circunstâncias da vida:

da saúde,
do dinheiro (ou da falta dele),
do sucesso,
do fracasso,
do emprego,
da idade,
do lugar onde se mora,
da aparência,
dos pais (ou da falta deles),
do fato de ser solteiro,
do fato de ser casado,
dos filhos (ou da falta deles),
e até do tempo,

é lançar uma acusação contra a sabedoria e contra o bom-senso de Deus; é insinuar que ele está desinteressado de nós, ou então que não é tão inteligente quanto nós.

Afinal, depois de Jó ouvir a Deus, em silêncio, e conscientizar-se de que ele não era "nada"[6], comparado com Deus, esqueceu seu sofrimento, acomodou-se mais no meio do lixo, e disse: "Bem sei que tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado."[7]

Ele reconheceu que Deus era mais inteligente, mais competente e tinha muito mais discernimento das coisas do que ele. E ao reconhecer isso, ele se convenceu de que Deus era bem mais capaz de dirigir sua vida com sucesso do que ele próprio — mesmo que o processo implicasse em experiências dolorosas.

1. Jó 7.11
2. Jó 10.1
3. Jó 38.2
4. Sl 78.17-57
5. Êx 3.17
6. Jó 40.4 BV
7. Jó 42.2

Quando Deus aparece,
o homem se
transforma.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A Vitória de Jó

Quando Deus aparece o homem se transforma.

O discurso de Deus para Jó, que é uma das mais longas conversas registradas nas Escrituras, operou uma profunda transformação em Jó.

Ele esqueceu seu sofrimento.

Parou com suas lamúrias.

Largou seus cacos.

Parou de raspar a crosta purulenta de seu corpo.

Parou de atirar perguntas a Deus, e acusações aos seus conselheiros.

Esqueceu as cinzas,

o esterco,

o lixo,

os leprosos,

os cães...

Ficou ciente apenas de uma realidade — Deus estava ali; e quando Deus aparece, o homem se transforma.

O homem se esquece do que é temporal e irrelevante, para pensar apenas no que é eterno e relevante. Jó se enxergou a si mesmo.

Pela primeira vez na vida, Jó se enxergou a si mesmo. Disse ele:

"Eu não sou nada!"[1]

Um homem da estatura moral e social de Jó confessando que não é nada, é algo de notável.

À primeira vista, poderíamos até questionar o auto-conceito externado por Jó, e discutir com ele. Mas seria inútil, pois quando uma pessoa vê Deus e se compara com ele, a única conclusão a que pode chegar é a mesma a que Jó chegou: "Nada sou."

Jó viu a Deus. Pela primeira vez na vida, ele via Deus. O conhecimento que até então tinha de Deus era de segunda-mão — era informação dada por alguém ou revelação recebida por outrem, mas não dele mesmo. Conhecia-o de ouvir falar dele. É como a maioria dos fatos que sabemos a respeito de Deus. Mas o conhecimento que a partir de então ele possuía era dele mesmo — e sua compreensão da pessoa e das coisas de Deus não era mais embaçada, nem distorcida, mas nítida e clara.

Diz ele: "Agora eu compreendo que o Senhor pode fazer tudo que quiser e que ninguém pode impedir o Senhor de realizar seus planos."[2] E pela primeira vez na vida

ele via Deus em toda a sua soberania;
via Deus como aquele que controla todas as coisas;
via-o como um Ser livre — livre para fazer o que mais lhe agradasse,
quando lhe aprouvesse — e sem dar explicações.

Ele via Deus

com a mão em todos os acontecimentos da terra,
no controle de todos os poderes sobrenaturais do céu.

Ele via

sua vontade soberana,
seu poder soberano,
seu propósito soberano
e um Deus soberano.

E Jó não estava mais atrás de explicações; só o que desejava era um relacionamento com ele.

Sempre que viajo e fico fora de casa por um período mais longo, telefono ou escrevo para minha família. E nas cartas ou telefonemas faço inúmeras perguntas, e peço muitas informações.

Como está o tempo aí?

Como estão as crianças?

O cachorro vai indo bem?

Como é que você está?

Está tudo bem com a igreja?

Tudo isso é rotina, e não tem quase nada de espiritual.

Mas quando volto para casa, entro por aquela porta e abraço minha esposa, não perco tempo fazendo perguntas sobre o tempo, ou as crianças, ou o cachorro, nem mesmo a igreja.

Não estou interessado nessas informações; só estou interessado em relacionamento. E o que Jó procurou desfrutar foi um relacionamento.

Ele assumiu a posição certa — abaixou-se e se acomodou no meio do lixo e das cinzas.

O costume que então havia de sentar-se no pó e na cinza era semelhante ao que temos hoje de usar luto. Era o recurso que aqueles homens da antigüidade usavam para mostrar exteriormente o que se passava em seu interior.

Então Jó sentou-se na cinza de novo, e depois se pôs a encher a mão dela, erguê-la e deixar a cinza deslizar sobre sua cabeça, punhados e mais punhados de cinza, que desciam por seu corpo, deixando-o da cor de sua alma — cinzenta — a mesma cor do chão onde estava sentado.

Mas o que Deus tencionava para com Jó não era apenas que ele se arrependesse, mas que fosse plenamente restaurado. Restaurar-lhe a saúde e a riqueza não seria nenhum problema. Isso poderia acontecer com a mesma rapidez com que perdera tudo — em apenas um dia.

Também não seria problema reatar o relacionamento desse novo Jó, curado e justificado, com seus familiares e amigos.

Assim que ele recuperasse a saúde,
assim que as feridas desaparecessem,
assim que passasse o temor de infecção,
assim que ele aparasse a barba e tomasse um bom banho, todos voltariam.

E Jó recuperaria sua posição na comunidade. Bastaria esforçar-se e logo estaria lá em cima. Poderia recomeçar a vida, e, contando com as habilidades naturais que Deus liberalmente lhe dera, poderia outra vez obter sucesso nos negócios. Mas ainda ficaria faltando uma coisa:

Ele fora insultado,
fora abandonado,
fora ridicularizado,
fora humilhado,
fora profundamente ofendido,
e a mágoa ficara.
Será que ele poderia perdoar
os amigos?
os familiares?
a esposa?

O processo de cura poderia ficar emperrado aí. A amargura que estava queimando em baixa combustão na mente de Jó poderia ter continuado por algum tempo, poderia alastrar-se e ganhar proporções maiores, chegando a consumi-lo de todo.

Será que um homem pode perdoar uma esposa que o abandona no momento em que passa por uma terrível adversidade?

Será que ele pode perdoar os parentes que ficaram distanciados, deixando que a tragédia tivesse curso total na vida dele?

Será que ele pode perdoar os pretensos conselheiros, que só lhe dirigem palavras de crítica, sem nenhuma compaixão?

Será que pode perdoar palavras como "hipó-

crita", "arrogante", "ímpio", "rebelde", "blasfemo" a ele dirigidas?

Numa das igrejas que pastoreei antes da atual, havia um jovem que voltara da guerra do Vietnã. Perdera uma perna e a esposa.

Perdera a perna com a explosão de uma mina, e a esposa o abandonara ao saber da gravidade de seus ferimentos.

Certo dia ele veio manquitolando até meu gabinete, atirou as muletas na parede, e disse:

— Pastor, estou furioso! E nunca estive tão furioso em minha vida. Estou com ódio até os ossos. Perdi tudo que sempre desejei ter: minha esposa, minha carreira, meu lar, meu futuro e até o respeito próprio. E agora quero brigar com o mundo todo ou então morrer — e não sei qual das duas coisas prefiro. Estou cansado de ver as pessoas olhando para mim com piedade, pensando que sou um inválido. O senhor quer ver se sou inválido? Venha comigo; vou lhe mostrar.

Ele nem me deu tempo para responder. Pegou as muletas, e saiu pelo corredor, girando rapidamente a perna, e o toco da outra, e dirigiu-se ao estacionamento.

— Entre aí, disse ele.

Entrei no carro, prendi o cinto de segurança (bem firme) e fiquei a observá-lo enquanto se colocava no volante de seu carro automático. Em seguida arrancou — 75, 90, 100, 120, 160 quilômetros por hora. Descia as ruas do bairro, avançava sinais, cruzamentos de pouca visibilidade, becos sem calçamento, a toda velocidade, ignorando completamente o perigo. Dirigia como um louco. Uma vez ele olhou para mim e perguntou:

— Está com medo, pastor?

Eu não estava apenas com medo — estava apavorado. Mas claro que não iria confessá-lo.

— E para eu estar? indaguei.

Por fim ele parou, encostou a cabeça no volante e começou a chorar. Por entre soluços,

ele olhava para mim, os olhos cheios de ódio e dizia:

— Não me fale sobre Deus, nem sobre amor, nem sobre honra ou fé. Não me fale em perdoar! Não me fale em perdoar minha esposa. Eu nunca vou perdoá-la pelo que fez comigo!

E que eu saiba, nunca perdoou mesmo.

Pelo que me consta, aquele moço ainda está vivendo com o fogo do ódio ardendo em sua alma.

Jó também teve essa opção.

Ele poderia ter tido uma alegria sádica, quando ouviu Deus dizer a Elifaz:

> "Estou muito zangado com você e seus dois amigos, Bildade e Zofar. O que vocês disseram a meu respeito não estava certo; Jó estava com a razão, vocês não!"[3]

Ele poderia ter falado:

— Isso mesmo, Deus! Xingue-o bastante! Dê-lhe o castigo que ele merece! Acabe com ele!

Mas não o fez.

E quando Deus o orientou no sentido de ajudar os outros a oferecerem sacrifícios pelos seus pecados[4], ele poderia ter-se recusado.

Mas Elifaz, Bildade e Zofar foram procurá-lo, e ofereceram seus holocaustos, e Jó orou por eles — e Deus atendeu essa oração.[5]

O que será que Jó disse nessa oração? A mesma coisa que Jesus disse, quando orava em meio a seu grande sofrimento: "Pai, perdoa-lhes..." Essa era a única oração que Deus aceitaria. Foi essa oração que aplacou a ira de Deus. E Jó não poderia ter pedido a Deus que os perdoasse, se ele próprio não o tivesse feito.

Enquanto nós mesmos não tivermos perdoado a determinada pessoa, não podemos pedir a Deus que a perdoe.

Nunca poderíamos orar assim: "Ó Pai, perdoe fulano pelo que fez comigo, mas não espere que eu o perdoe..."

Ninguém pede a Deus para abençoar uma

pessoa, a quem ele mesmo não quer abençoar.

Jó orou por eles.

Isso significa que Jó os perdoou.

O perdão traz uma enorme libertação.

Ser perdoado resulta em libertação também.

Mas há uma libertação ainda maior...

é a libertação de quem perdoa. E isso parece ser tão difícil para algumas pessoas.

Conseguimos perdoar a maioria das pessoas uma vez, duas e até três vezes, se o erro delas não for muito grave. Mas depois de três, torna-se bastante difícil perdoar.

E as respostas que damos aos pedidos de perdão são muito diferentes das de Deus.

— Eu vou perdoá-lo, mas...

— Eu vou perdoá-lo, mas espere algum tempo...

— Desta vez eu o perdôo, mas que isso não aconteça de novo.

— Eu o perdôo; não sei se vou esquecer, mas perdôo.

Jó acabara de ver Deus.

Acabara de receber o perdão de Deus pelo seu pecado de questionar a providência divina.

O coração dele estava cheio de ira.

Mas essa ira saiu de seu coração, e

Jó perdoou
a esposa,
os amigos,
os conselheiros.
Jó perdoou a todos.

E aí então ele foi restaurado. Não antes disso.

"Assim que Jó orou por seus amigos, o Senhor começou a devolver a ele sua antiga riqueza. Na verdade, Deus deu a Jó o dobro do que ele tinha antes!"[6]

---

1. Jó 40.4 BV
2. Jó 42.2 BV
3. Jó 42.7 BV
4. Jó 42.8 BV
5. Jó 42.9 BV
6. Jó 42.10 BV

Se há uma coisa de que não precisamos em meio às experiências dolorosas e perturbadoras é uma explicação, mas, sim, uma renovada visão de Deus.

CAPÍTULO DEZESSETE

A Satisfação de Jó

Será que Deus nos deve uma explicação por tudo que ele faz?

Jó pensava que sim.

Quando Jimmy morreu, eu e Martha pensamos que sim. Parecia que tudo que brotava de nossos lábios naqueles dias de perplexidade era "por quê"? Perguntamos isso a Deus, a nós mesmos, um ao outro, e perguntamos a todas as pessoas que pararam para conversar conosco, ou ouvir-nos desabafar.

Como as irmãs Maria e Marta, instintivamente começamos a questionar Deus — não por muito tempo — mas questionamos. Lembra-se das primeiras palavras que Marta disse a Jesus depois que seu irmão Lázaro havia morrido? Elas estão registradas em João 11.21: "Senhor, se estiveras aqui não teria morrido meu irmão."[1] E alguns minutos depois, Maria diz a mesma coisa. "Senhor, se estiveras aqui, meu irmão não teria morrido."[2]

Mas essas palavras cortantes, dirigidas ao coração do próprio Deus, não pegaram Jesus de

surpresa. Deus sempre sabe prever as reações humanas diante das diversas circunstâncias.

Contudo, quando aquelas duas irmãs — amigas íntimas de Jesus — lançaram-lhe aquela acusação de negligência, demora desnecessária e ausência inexplicada, falhas que provavelmente haviam contribuído para a morte do irmão, isso deve ter sido um golpe doloroso para a natureza terna e sensível do Filho de Deus.

Todos nós questionamos a Deus, quando uma tragédia se abate sobre nós.

É uma coisa inata.

É instintivo.

É normal.

É natural.

Uma pergunta feita a Deus, uma pergunta espontânea, não estudada, de certo modo constitui um tributo a ele.

Ela dá a entender que cremos que Deus existe.

Ela dá a entender que cremos que ele sabe de tudo.

Dá a entender que cremos que ele se interessa por nós.

Dá a entender que cremos que ele está no controle de tudo.

Dá a entender muitas coisas que muitas vezes nos esquecemos de dizer a ele, ou de atribuir a ele, no dia-a-dia de nossa vida normal.

Mas durante esse temporário período de desatino causado pelo sofrimento, nós nos pomos a agredir a tudo e a todos, numa vã tentativa de obter explicações e, se possível, modificar os fatos.

Como foi que Jesus respondeu às palavras daquelas duas irmãs, em João 11?

Ele não fez a menor referência às palavras delas: não as repreendeu, não humilhou, não acusou; ele ficou em silêncio, e depois passou a ensinar-lhes uma lição mais importante sobre a vida e a morte.[3]

E nós culpamos também a nós mesmos.

Quando Jimmy morreu, muitas vezes apontamos o dedo acusador para nós mesmos. "Ah, se tivéssemos orado mais"; ou então: "Se nós o tivéssemos levado ao médico logo..."; "se", "se", "se", apesar de nos haverem dito que a morte dele era inevitável.

Na noite anterior à da morte dele, fiquei muito irritado com seu choro constante, e repreendi-o com aspereza. Imagine só, um adulto repreendendo seu filhinho de três meses, porque chorava de dor — e no entanto eu fiz isso. Muitas vezes revivo aquele momento com grande sentimento de arrependimento, culpa e vergonha, e gostaria de poder voltar atrás naquelas palavras. Às vezes até imagino se, talvez... mas não, ninguém pode ser culpado por algo que é inevitável.

Às vezes culpamos os outros — médicos, enfermeiras, o hospital, o pessoal do setor de emergência — qualquer um que nos venha à mente, qualquer um que possa ter contribuído de alguma forma para o nosso sofrimento.

Isso é normal — e sempre passa. Isso só deve nos preocupar quando essa acusação vai penetrando mais e mais fundo em nosso espírito, e lá permanece, tomando a forma de amargura. Aí, então, precisamos do auxílio de outrem para trazermos essa culpa e amargura bem diante de nossos olhos.

No livro de Jó há dezesseis "por quês".

Por que nasci?[4]

Por que não posso morrer?[5]

Por que Deus está fazendo isso comigo?[6]

Por que Deus não me perdoa?[7]

Jó pergunta "por quê?" dezesseis vezes.

Ele jogou essa pergunta para o céu dezesseis vezes — e não recebeu resposta em nenhuma dessas vezes.

E depois, quando Deus afinal fala, não faz nenhuma referência às perguntas de Jó.

Ele não menciona o desafio proposto por Satanás e que é descrito nos primeiros capítulos do livro.

Ele não fala da grande disputa que está-se travando bem à vista de todos que habitam o mundo espiritual.

Ele não fala da grande aposta feita na mesa do céu, em que Deus "apostou tudo que tinha em Jó" e ganhou. Ele não explica por quê.

Há muito que eu já parei de buscar resposta para essa pergunta, em relação aos problemas de minha vida. Não sei com certeza por que Deus faz as coisas da maneira como ele faz, e não sei se um dia vou saber. Tenho a impressão de que o céu vai ser tão maravilhoso que nem vou querer perder tempo para saber a resposta das muitas perguntas irrespondíveis da terra.

Deus não nos deve nenhuma explicação. Ele tem o direito de fazer o que quiser, na hora que quiser, e do modo como quiser. *Por quê?* Porque ele é Deus.

É interessante observar em Jó que, em resposta aos seus dezesseis "por quês", há cinqüenta e nove "Quem é?"

Pouco depois da morte de Jimmy, a tia de Martha veio visitar-nos e ficou a escutar os nossos "por quês?", até que chegou a um momento apropriado para nos responder. Disse ela:

— Talvez se vocês mudassem a pergunta, isso ajudasse um pouco. Por que não mudam para "quem?"

É o que Deus faz em sua conversa com Jó.

Jó não precisava saber por que as coisas estavam acontecendo daquela maneira — ele só precisava saber Quem era o responsável por tudo e Quem estava no controle dos fatos. Precisava conhecer Deus.

E afinal, ele modificou sua pergunta de "por quê?" para "quem?", quando diz: "Bem sei que

tudo podes, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado." (Jó 42.2.)

Finalmente ele estava deixando que Deus fosse o Deus de sua vida.

Se há uma coisa de que não precisamos em meio às experiências dolorosas e perturbadoras é uma explicação, mas, sim, uma renovada visão de Deus.

1. Jo 11.21
2. Jo 11.32
3. Jo 11.25, 26
4. Jó 3.11 BV
5. Jó 3.12 BV
6. Jó 7.20 BV
7. Jó 7.21 BV

Don Baker

ALÉM DA DOR

Deus nos deve explicações quando sofremos? Podemos esperar compreensão e compaixão divina quando a dor nos sobrevém?

Jó, um dos personagens bíblicos que mais sofreram, pensava que sim.

Repetidas vezes, quase a sucumbir nas águas barrentas da dor e de suas muitas perdas, Jó voltava à tona o bastante para indagar: "Por quê?"

Por que nasci?

Por que não morro de uma vez?

Por que permites isto, Senhor?

Por quê? Por quê? Por quê?

Jó procurava respostas, pedia respostas, exigia respostas... e acabou por encontrar uma bem diferente da que esperava.

O sofrimento nos isola. Faz-nos sentir que Deus não está perto, que não ouve nosso pedido de socorro, e, pior que isso, silencia a sua voz suave ao nosso coração. Basta um empurrãozinho do sofrimento para nos encontrarmos à beira do desespero.

Talvez você já tenha passado por isso. Pode estar enfrentando algo assim agora mesmo, e ter no coração as indagações que todos nós fazemos: "Por que eu? Que tipo de bem esta situação pode produzir? Será que Deus se esqueceu de mim?"

Descubra neste livro as respostas que Jó encontrou e que você também precisa achar.

Editora Betânia
Leitura para uma vida bem-sucedida